

# O NAVIO DO DESTINO

---

ROSINE DE DIJN




*Tradução de Manuela Ramos*

*A presente obra respeita as regras  
do Novo Acordo Ortográfico.*



SAÍDA DE EMERGÊNCIA  
Para quem quer fugir da rotina

**As principais zonas de colonização em Rio Grande do Sul e no interior de Santa Catarina**

-  predominantemente alemãs
-  misto
-  predominantemente italianas



Os números apenas às zonas de colonização significam:

- 1 As antigas colônias da Serra
- 2 Zona de Alto Jacuí
- 3 Nova Vurtemberg com as colônias-filhas Herval lecco e Xingú
- 4 Região de Ijuí
- 5 Serro Azul e colônias adjacentes
- 6 Empresa colonial Santa Rosa-Buricá
- 7 Porto Novo (Associação Popular Católica)
- 8 Porto Feliz (Empresa Chapecó-Pepery)
- 9 Companhia Territorial Sul Brasil
- 10 Empresa Colonizadora Luce, Rosa e Cia
- 10a Idem
- 11 Sociedade Territorial Mosele, Eberle, Ahrons e Cia
- 12 Região do Rio das Antas
- 13 Colônia de Dreizehnlinden ou das Treze Tílias (Ministro von Thaler)
- 14 Colônia Hindenburg
- 15 São Miguel e colônias adjacentes

Os números pequenos = informação acerca da cota de altitude





# A França na Segunda Guerra Mundial









## ÍNDICE

Os Protagonistas	13
Prefácio	17
1. 23 de maio de 1942	21
2. Uma longa história	29
3. Saudade, estação terminal	32
4. O fantasma da memória	38
5. Alemanha, o cordão umbilical – A geração de novos imigrantes e o NSDAP	46
6. Nem tudo o que luz é ouro	59
7. O êxodo e a guerra	70
8. Borgerhout – Na mira do furacão	85
9. O pântano castanho	91
10. Crepúsculo	97
11. Bruxelas – O mesmo padrão, a mesma história	102
12. Fuga ou de volta à boca do lobo?	109
13. Entraves	114
14. A segunda tentativa	126
15. França, a sala de espera	132
16. Marselha	140
17. Lisboa	150
18. O <i>Serpa Pinto</i> – «Mas nenhum navio era realmente o último»	155
19. A última viagem	160
20. Liberdade	164
21. Depois de 1942	171
Agradecimentos	199
Fontes, arquivos, <i>links</i>	201
Crédito de imagens	209
Notas	211





## OS PROTAGONISTAS

AMÉRICO DOS SANTOS: Capitão da Companhia Colonial de Navegação, condecorado com altas patentes, pilota entre 1940 e 1944 o *Serpa Pinto* a partir da cidade neutra de Lisboa, por águas inseguras da guerra. Os portugueses batizaram o barco de «o navio herói». Para os americanos e muitos emigrantes, o *Serpa Pinto* ficou simplesmente «o navio dos refugiados».

JOHANN ALBERT SPIEWECK: Em 1922, o adolescente Spieweck emigra com os pais e três irmãos para o Sul do Brasil. Spieweck faz o exame para professor e torna-se dirigente de base do NSDAP<sup>1</sup> em Nova-Berlim e, mais tarde, cônsul em Cruzeiro. Em 1942, o *Serpa Pinto* leva-o, com a família, para a Europa. Na Alemanha de Hitler espera-o a guerra. Os Spieweck partem novamente da Alemanha no dia 2 de fevereiro de 1947 e iniciam a viagem de regresso ao Brasil.

HANS ADOLF SPIEWECK: Em 1942, o segundo filho de Johann Albert Spieweck, nascido no Sul do Brasil em 1932, com 10 anos de idade, viaja com os irmãos no *Serpa Pinto* rumo à Europa. Na Alemanha frequenta a escola para estrangeiros alemães em Estugarda.

GUSTAV BUCHHOLTZ: O jovem emigra em 1927 de Kiel para o Sul do Brasil. O alemão do *Reich* casa com Nuna Krüger, de origem alemã. É simpatizante do NSDAP, na altura em ascensão, e em 1942 vai com a família para a Europa. Presta serviço militar na Frota Transportadora Speer e em Narvik é feito prisioneiro pelos britânicos. A 27 de dezembro a família consegue regressar ao Brasil. Mais tarde, em 1948, junta-se a ela.

HANS HENNING VON COSSEL: Cossel é membro do NSDAP desde 1931, ano em que parte com a mulher e o filho para o Sul do Brasil, onde se estabelece como homem de negócios. Funda o grupo local do NSDAP em São Paulo e torna-se dirigente do maior grupo da Organização Estrangeira do país. De regresso à Alemanha alista-se na Marinha e, no final da guerra, trabalha em Liebenau e é feito prisioneiro pelos franceses.

IRÈNE VAN LEEUWEN: A jovem judia foge com os pais de Antuérpia, a sua cidade natal quando a Bélgica é ocupada pelos alemães. Em 1942 parte de

Lisboa a bordo do *Serpa Pinto*. Em 1947, conhece em Nova Iorque Frank Levita, um sobrevivente de Auschwitz, com quem se casa.

JACQUES PADAWER: A família judia Padawer é proprietária da firma *Au roi du Caoutchouc* com estabelecimentos em toda a Bélgica. Em 1940, durante a invasão alemã, a família foge para França, mas regressa. Na primavera de 1941, os Padawer partem definitivamente de Bruxelas. Após um longo período de privação em Marselha, chegam à cidade neutra de Lisboa em 1942 e ao *Serpa Pinto*. Jacques regressa à Europa no início de 1945 com a *US 97th Infantry*. Depois de 1945, estuda primeiro Biologia e faz uma carreira impressionante como cientista no Departamento de Anatomia no *Albert Einstein College of Medicine*.

«Carrego muita coisa comigo.  
O passado de uma vida antiga  
De regiões soterradas,  
Com ligeiros vestígios do brilho das estrelas.  
Muitas vezes não venho à superfície,  
Mergulho naquelas regiões estrangeiras.  
Tenho saudades de casa.  
Oh restos remanescentes! Oh passado que passou!»

Franz Werfel

Nasc. 10.9.1890 em Praga/Áustria-Hungria

Fal. 26.8.1945 em Beverly Hills/EUA

Franz Werfel, «Onde está...» (excerto), *in* Franz Werfel,  
*A obra lírica*, ed. de Adolf Klarmann,  
© S. Fischer Verlage GmbH, Frankfurt am Main, 1967.





## PREFÁCIO

### O desencantamento dos transportados

Américo dos Santos, capitão do *Serpa Pinto*, viu-os a todos.

O comandante português recebeu os diplomatas alemães do *Reich* que embarcaram no seu navio no dia 5 de maio de 1942 no Rio de Janeiro com as mulheres e os filhos, bem como alguns protegidos do NSDAP selecionados criteriosamente para, no dia 25 de maio, apenas três semanas depois, desembarcarem em Lisboa. Acolheu também os mais de 677 judeus que, dez dias depois, a 5 de junho de 1942, apertados uns contra os outros, sem dinheiro e exaustos, foram para a cidade marítima de Lisboa e, logo a seguir, para Casablanca, a bordo do mesmo navio, que os levaria a 25 de junho para Nova Iorque oferecendo-lhes assim a liberdade. No derradeiro minuto.

Capitão Américo dos Santos. Uma testemunha ocular falecida há muito tempo. Viu a febre contagiosa da guerra nos olhos dos seus passageiros. Sabia do êxtase da vitória dos heróis e da miséria dos perseguidos.

Atualmente, além de material de arquivo, cartas, diários e estudos científicos, existem ainda algumas testemunhas da época. Quase 70 anos após os acontecimentos, esses poucos que sobreviveram interiorizaram subjetivamente as suas histórias, restando aos historiadores o diagnóstico prudente e crítico dos seus diversos depoimentos. Entretanto nasceram os filhos dos filhos e é importante que o Holocausto não se torne para eles uma abstração. O escritor israelita David Grossman frisa que «sem a investigação de destinos pessoais, o confronto com a História nunca poderá ser completa. Seria por conseguinte impossível fazer-se uma ligação entre as gerações seguintes e os acontecimentos.» Na opinião de Grossman é preciso coragem para ousar penetrar na sombra da vítima e reconstruir o seu mundo. Provavelmente será um atrevimento. No entanto, o autor israelita considera francamente forçoso a pessoa identificar-se com as vítimas para, simultaneamente, voltar a colocar a questão: «O que terei de matar em mim para ser capaz de matar outros ou suportar essa realidade em silêncio?»<sup>2</sup>

A pesquisa para este livro, o intercâmbio com as testemunhas da época, o contacto com os diferentes campos políticos, mas também a crueldade revelada pelo material de arquivo lançaram-me num banho de sentimentos contraditórios. O terrível embaraço relativamente à minha própria pátria, de ideologia fascista, provocou em mim, além de uma enorme raiva contra o longo silêncio e a repressão, uma tristeza profunda. Era óbvio que o ódio

racial também contagiara brutalmente Antuérpia, a minha cidade natal e me afetara e deixara sem fala. Nos processos, ficheiros de imagens e estudos científicos recentes, tropecei em nomes de pessoas que viviam perto de mim. O que me terá atingido com tanta violência? Estariam os meus pais, os seus amigos e conhecidos do meio católico flamengo a redimir-se perante nós crianças, com a desculpa de que tinham sido apenas idealistas cegos e enganados? Reduziram a sua cegueira à nostalgia e ao folclore. Apatia inofensiva, flamenga. Apenas isso. Um logro. A maioria morreu há muito, em silêncio.

O desencantamento deste mito influenciou também o meu confronto com a história dos brasileiros de origem alemã e o seu envolvimento com os nazis e levou-me a ser prudente. Evoluções pessoais e carreiras são coisas distintas e nunca nos conseguimos afastar totalmente da biografia da nossa família, mesmo quando muitas vezes não o queremos admitir. Mas a investigação levou à destruição de fotografias e arquivos comprometedores e é terrível quando decidimos alargar os limites estreitos do nosso próprio horizonte.

Foi com respeito e gratidão que recebi os diários, documentos, fotografias e memórias das testemunhas brasileiras de origem alemã da época. «Eu entendo o problema da repressão. É difícil encontrar alguém que se queira exprimir abertamente sobre o assunto. Na comunidade alemã brasileira aqui em São Paulo, o estudo do nacional-socialismo no Brasil não tem muita procura», escreveu-me uma arquivista de São Paulo. Tive sorte. Também aqui, há muito que cresce lentamente uma nova geração. Acabar com este último tabu?

As notícias pessoais e relatos das vítimas judias, entretanto já em idade avançada, foram uma dádiva muito valiosa. As pessoas profundamente traumatizadas confrontaram-se no outono tardio das suas vidas com uma pesada herança e com a história da sua odisseia.

Não querem que os seus filhos se mantenham na ignorância. Apesar de um dos protagonistas judeus da minha história ter considerado: «Não sei o que será melhor para mim, manter fechada a caixa de Pandora ou abri-la?»

As emoções e memórias das últimas testemunhas do lado de cá e de lá do limiar do seu sofrimento individual acrescentaram matéria à linguagem reservada do arquivo das letras desbotadas de documentos amarelados, às pastas e aos in-fólios com provas incómodas e às dissertações de historiadores reconhecidos, consolidadas cientificamente.

Em breve estas testemunhas calar-se-ão. Em vez de nos deixarmos ficar neste vácuo, contentemo-nos com todos aqueles a quem podemos questionar.

Essas pessoas, prudentes ou não, enganadas ou esclarecidas, amargu-

radas ou reconciliadas, abaladas ou recompostas, deixaram-me olhar para dentro das suas almas e abriram-me uma janela para uma época difícil.

Apesar de tudo, nunca esqueceremos o fenómeno Auschwitz. Nunca.

Como reza a história da sábia *chassidin*:

«Havia um homem a quem atormentava uma pergunta.

Passados cem anos voltou a haver um homem.

A quem atormentava a mesma pergunta.

Nem um nem outro sabiam a resposta.»

Rosine de Dijn

2009





## CAPÍTULO 1

23 de maio de 1942

O capitão Américo dos Santos respirou fundo. Aliviado, observou da ponte de comando o *Serpa Pinto* a ser levado do alto-mar até ao estuário do Tejo da sua cidade natal. Lisboa, o chamado porto de abrigo, refúgio e pátria. A viagem sul-americana pelo pérfido Atlântico, do Rio de Janeiro, passando por Santos, até à Europa fora metodicamente planeada. Não foram só as zonas de depressões baixas e tempestuosas de um oceano caprichoso que podiam ter fustigado o navio com velocidades de vento de nove a doze nós e as ondas bramantes com dez a doze metros de altura que lhes foram poupadas. Durante aquela viagem de três semanas por águas inseguras, passageiros e tripulação também foram poupados àquela guerra imprevisível.

Agora ouvia-se o guincho das gaivotas que circulavam no ar salgado em volta do navio da saudade de Portugal, o barco lendário, enquanto uma luz incomparavelmente bela espalhava uma melancolia singular na ampla baía do rio. Ainda tinham de aguardar uma hora até atracarem. Primeiro emergiu na rocha do estuário do rio a maciça Torre de Belém, desde sempre, para descobridores e navios mercantes, um primeiro contacto com o porto seguro de Lisboa. Quando passaram a deslizar pela silhueta do sumptuoso Mosteiro dos Jerónimos, um mosteiro medieval, o capitão e a sua tripulação portuguesa perceberam que a viagem chegara ao fim. Era ali que os heróis navegadores de Portugal imploravam ajuda e agradeciam a Deus pelo seu regresso.

O termómetro indicava 19 graus. Uma primavera amena pairava sobre Lisboa, capital e cidade marítima de Portugal na ponta mais sudoeste da Europa, a porta para o mundo. Mas aqui, no extremo do velho continente, o mundo também estava em desordem, a calma do mar era ilusória, as vozes roucas da saudade mais melancólicas que nunca.

O capitão Américo dos Santos, portador orgulhoso de muitas condecorações, como a *Comenda Portuguesa da Ordem de Cristo* e a *Comenda Brasileira do Cruzeiro do Sul*, uma figura lendária cujas histórias empolgantes e aventureiras ainda hoje são contadas nos nostálgicos fins de tarde no *Clube de Oficiais da Marinha Mercante*, o clube oficial da marinha mercante da sua cidade natal, estava inquieto.

Desde a viagem inaugural, na primavera de 1940 – na altura com a madrinha do barco, Dona Carlota Serpa Pinto, a filha do famoso explorador de África, Alexandre Alberto de Serpa Pinto, que lhe deu o nome, a bordo

–, que ocupava a ponte de comando e pilotava através dos oceanos o barco modelo da Companhia Colonial de Navegação. Já em tempos de paz, nem sempre um empreendimento fácil. Mas agora a guerra espreitava por toda a parte. Grande parte da frota mercante inglesa, francesa e alemã há muito que estava paralisada e Portugal, um país neutro, com o seu porto marítimo natural de Lisboa, tornara-se de um momento para o outro a escala mais importante para os navios estrangeiros. As companhias de navegação



portuguesas eram extremamente solicitadas e os seus navios transportavam por todo o mundo as novas cargas em alto-mar.

A 24 de maio de 1942, o correspondente do *The Palestine Post* telegrafou por cabo à redação do seu país: «Transporte de regresso: ontem de manhã chegou ao porto de Lisboa, vindo do Brasil, o navio português *Serpa Pinto*. A bordo, 81 diplomatas alemães, 74 diplomatas italianos e seis diplomatas romenos.»<sup>3</sup>

O capitão já estava a par. A notícia breve do diário judeu fundado a 1 de dezembro de 1932 na Palestina pelo jornalista americano Gershon Agron, hoje em dia conhecido como *The Jerusalem Post*, não continha no fundo nenhuma novidade. Já há muito que se sabia que entre armazéns e navios de carga, mastros e gruas guinchantes e entre carregamentos e descarregamentos assíduos, na margem do Tejo, diplomatas e prisioneiros de guerra também saíam e entravam a bordo

*Desde a viagem inaugural na primavera de 1940 que o capitão português Américo dos Santos esteve à frente da ponte de comando do Serpa Pinto e até 1944 pilotou através dos oceanos o navio modelo da Companhia Nacional de Navegação.*

de vários vapores. O Portugal neutro tornara-se uma espécie de ponto de transbordo de todos os países que tinham sido atingidos pela guerra.

Também os 81 diplomatas alemães, todos «repatriados», que a 5 de maio de 1942 estavam a bordo do *Serpa Pinto* no Rio de Janeiro, pisavam agora solo português após 18 dias de sol e mar. Os alemães do *Reich* e os alemães brasileiros, acompanhados das suas famílias, tinham iniciado a viagem de regresso à pátria a meio da Segunda Guerra Mundial: diplomatas de carreira de Hitler, como o conde Adelman, adido no Rio de Janeiro, com a sua jovem mulher, o Dr. Martin Schlimpert, conselheiro de legação de 1ª classe com o filho, Hermann Bohny, capitão-tenente e adido militar na Embaixada do Rio, com mulher e filhos. Mas também diplomatas de segunda e os que entravam pela porta traseira como Johann Albert Spieweck, chefe da base militar de Nova-Berlim, atualmente Ibirama, e mais tarde cônsul em Cruzeiro, com a sua mulher em estado avançado de gravidez e cinco filhos, o Dr. Hans Wasmuth, diretor do Instituto de Línguas da Associação Hans-Staden de São Paulo, com a mulher e filha, Gustav Buchholtz, membro ativo do NSDAP de Paranagua e confidente do consulado alemão de Curitiba, com mulher e filhos. E por fim também Hans Henning von Cossel, dirigente nacional do NSDAP do Brasil, com a mulher e as duas filhas.<sup>4</sup>

«Passaram-se dias. Só se via céu e água. E Neptuno, o deus do mar, emergiu das ondas e subiu a bordo. Tudo era um enorme divertimento.» Recordações de infância de um menino de dez anos, brasileiro de origem



O *Serpa Pinto*: a última boia salva-vidas.

alemã, chamado Hans Adolf Spieweck. Quem poderia suspeitar daquela euforia? Lisboa, com o seu clima húmido e subtropical era, para os viajantes que regressavam à pátria vindos do quente país do Brasil, um primeiro contacto tépido e agradável com a almejada Europa. Os seus olhos observavam com curiosidade e impaciência a luz desapiedada e clara que cintilava sobre a interminável e refletora superfície de água do estuário do Tejo. Um resto de bruma da costa pairava entre as velas esguias das lanchas carregadas que andavam assiduamente de um lado para o outro no amplo rio.

Mas a cidade no empolgante estuário do Tejo há muito que perdera a sua inocência. E a Europa o equilíbrio. Os viajantes, seguidores do apelo do «Redentor» Hitler, tinham apenas olhos para o verão português que estava no início, embora o Ribatejo, a planície do Tejo, o jardim de Lisboa e o estuário do Tejo revelassem a sua faceta mais bela. Os portugueses devotos iam-se preparando para os enfeites anuais das ruas e para as danças do feriado dos Santos Populares. Em breve as guitarras portuguesas acompanhariam pela noite dentro as vozes apaixonadas dos cantores que, como sempre, cantavam a transitoriedade e a futilidade da vida, o grande vazio do coração. A saudade, um sentimento intenso, mais forte do que o amor.

Os recém-chegados da América do Sul, que iam seguir viagem, enviavam zelosamente telegramas aos seus familiares na Alemanha, com os quais não contactavam há meses. No dia 30 de maio, após oito dias de visita à cidade e a primeira experiência de patins das enérgicas crianças que faziam também parte do grupo de viajantes – «até já conseguiam andar para trás muito bem» – prosseguiram para Sintra, a residência repleta de sol dos que regressavam à pátria devido ao acelerado aumento de impostos, partindo da estação central de Lisboa, sob a proteção de pessoal de confiança num comboio fretado, inclusivamente em confortáveis compartimentos de cama. De acordo com instruções do então Secretário de Estado do Ministério dos Transportes do *Reich*, Dr. Ing. Albert Ganzenmüller, que participara no Golpe de Estado de Hitler em 1923 em Munique e que fora condecorado com a «Ordem de Sangue» do NSDAP, por motivos técnicos de defesa, só eram aceites nessas viagens pessoas de qualidade do «*Reich* alemão». Além disso, já se providenciava uma prova especial: «uma tripulação de 1 maquinista para 4 homens que acompanhavam o comboio até ao seu destino ou até à fronteira do *Reich*.»<sup>5</sup> Obviamente que mantinham a confidencialidade até determinados locais e destino do percurso. A «delegação», equipada com um passaporte coletivo requerido em Berlim e autorizado pelas repartições lisboetas, navegou Tejo acima e fez uma paragem curta em Madrid. Da janela do compartimento via-se passar a lixeira em que se tornara a Europa. Em plena guerra. Através de Portugal, Espanha e da França ocupada. Durante 36 horas. O pequeno e privilegiado grupo



Verpa Vinto

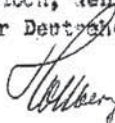
K.Nr.V 1200/42

Sammelpass.

Die in der anliegenden Liste vorzeichneten 97 (siebennunneunzig) Reichsangehörigen gehören zum Diplomatenaustausch und befinden sich auf der Reise von Lissabon über Spanien und besetztes Frankreich nach Deutschland.

Lissabon, den 23. Mai 1942

Der Deutsche Konsul:



Passaporte colectivo.

Os 97 (noventa e sete) Alemãs contidos na lista anexa pertencem à troca dos diplomatas e encontram-se na viagem de Lisboa via Espanha e França ocupada para a Alemanha.

Lisboa, aos 23 de Maio de 1942

Cônsul da Alemanha:

(a) H i l b e r g

O cônsul alemão da altura informou as autoridades portuguesas que 97 alemães do Reich, pertencentes ao intercâmbio de diplomatas, iriam viajar com um passaporte conjunto de Lisboa para França, através de Espanha. Estavam sob proteção especial.

regressava finalmente «à pátria no *Reich*» entre o monótono crepitar das carruagens, passando por San Sebastian e Biarritz. Não faltou nada: «Chegámos hoje à Alemanha. Depois de uma fantástica recepção do NSDAP e do BDM na estação principal, feita com todas as honras, fomos acomodados no Hotel Carlton», anotou euforicamente Irmgard Buchholtz no seu diário. O brinde na Câmara de Frankfurt foi «muito solene e ainda estou bastante atordoado com todas as impressões. Deus protegeu-nos misericordiosamente até aqui e proteger-nos-á também futuramente dos ataques aéreos e outros horrores». A 2 de junho de 1942 alguém escreveu que a Alemanha já os tinha de volta.

O capitão Américo dos Santos, o resistente quarentão, subiu ansioso as escadas íngremes e estreitas do bairro de Alcântara da sua cidade natal. Durante a subida, nas vielas angulosas, chegou-lhe ao nariz o cheiro apetitoso de sardinhas frescas assadas. Misturado com o doce e sedutor aroma das buganvílias que vicejavam ao longo das antigas ruínas. Em casa, na Calçada da Boa Hora, esperava-o Raquel, a sua mulher.

Desde o dia 31 de março de 1942 que estava a caminho. Há quase dois meses. Uma longa viagem, que o levava pela Madeira e ilhas de Cabo Verde, até à Argentina e ao Brasil. E de novo de volta. Para o experiente homem do mar, o regresso à pátria significava um descanso da grande liberdade sob o vasto horizonte, uma pausa do mar, que aliás nunca mais o abandonaria. Mas não conseguia aproveitar muito bem aquele bem merecido momento de folga entre portos alternantes e lobos-do-mar experientes e estranhos, aquele afastamento da ponte de comando, dos mastros, dos paus de carga e das amarras, do eterno carregar e descarregar, dos preparativos à partida, do vaivém no cais. Os tempos perturbavam-no. Já nada era o que fora, pois a sombra da guerra há muito que o alcançara.

Cinco semanas após a sua primeira viagem no *Serpa Pinto*, acabado de ser restaurado, no outono de 1940, perto das ilhas de Cabo Verde, em águas solitárias, encontrou naufragos do vapor grego *Antonio Chandris*. «Em Lisboa, cerca de 800 passageiros de muito mais de 42 nacionalidades diferentes subiram para o barco, refugiados de guerra, homens, mulheres e crianças, que tentavam o exílio brasileiro fugidos do terror da guerra», relatava ele mais tarde. «Depois de termos parado em São Vicente, em Cabo Verde, para meter combustível, prosseguimos viagem. Pouco tempo depois, um oficial de serviço chamou-me, nervoso, à ponte de comando. A bordo avistava-se algo invulgar. Passado pouco tempo reparámos num sinal de fumo.» Não havia dúvida: um submarino alemão encontrara o cargueiro grego carregado de carvão. A tripulação, que se mantinha há 28 dias nos seus barcos salva-vidas em mar aberto, foi levada com bastante dificuldade

para bordo do *Serpa Pinto* onde foi alimentada e provisoriamente tratada com cuidados médicos até ter sido levada em segurança para o porto de Lisboa. Para os homens do mar fora uma experiência decisiva, tanto para salvadores como para salvados.<sup>6</sup>

O capitão e a sua tripulação não descansaram. Pouco tempo depois os valentes homens do mar foram novamente confrontados com a careta cínica da guerra. Na sua quarta viagem o *Serpa Pinto* tinha de embarcar, no porto de Freetown, a capital da ocidental africana Serra Leoa, mais de 523 passageiros naufragados. Estes, a maioria refugiados franceses e judeus, partiram para a Martinica no *Cuba*, um barco de passageiros da francesa *Compagnie Générale Transatlantique* de Casablanca. Pelo caminho foram interceptados e detidos em alto-mar pela *Royal Navy*. Para os ingleses, os franceses e o seu governo de Vichy eram mais do que suspeitos.

Pessoas numa odisseia.

Também há muito que barcos alemães faziam viagens de ataque e captura. O mais bem-sucedido cruzeiro da marinha de guerra alemã, o *Atlantis*, inicialmente disfarçado de navio mercante russo, afundou a 17 de abril de 1941 no Atlântico sul, meses antes de os EUA terem entrado na guerra, o vapor de passageiros egípcio, *Zam-Zam*. A bordo 385 passageiros, entre os quais 142 missionários americanos.<sup>7</sup> A infundada ofensiva alemã foi manchete nos jornais. Após uma longa odisseia, 27 passageiros americanos conseguiram chegar finalmente a Nova Iorque com o *Serpa Pinto*.

Américo dos Santos era filho de uma nação de navegadores que há várias gerações se orientava pelas estrelas e enfrentava intrepidamente o mar. Sabia, através do conhecimento transmitido pelos marinheiros, do saudável senso comum, do sol, que nasce no oriente e se põe no ocidente, que determinadas estrelas têm o mesmo comportamento à noite. Conhecia os ventos, as correntes e a profundidade das águas e conhecia a trajetória das aves de arribação. E nunca perdia a bússola de vista, a permanente companhia dos homens do mar. Qual o caminho que indicava? Agora, naqueles anos sombrios, onde via a paz morrer? A bússola do seu coração. Em que é que o capitão pensava, a caminho da Calçada da Boa Hora, onde Raquel o esperava? Sobre que tempestades é que ele a queria informar?

Faltavam dez dias para o *Serpa Pinto* levantar novamente ferro. Entretanto, lá em baixo no cais, novos passageiros já se precipitavam ansiosos ao encontro do vapor lendário. O capitão sabia-o bem de mais, pois quando acompanhara os diplomatas nacional-socialistas do Brasil, firmemente decididos a lançarem-se com Hitler numa guerra sangrenta, a bordo do seu querido barco, a falta de esperança assaltara-o na sua cidade natal. Nas tascas em baixo, no porto e nas vielas estreitas da cidade meridional, pessoas desenraizadas, perseguidas e acoissadas – vítimas da ideologia racista

de um ditador ébrio de triunfo – esperavam por uma última oportunidade para escaparem àquele inferno e aos seus cúmplices. Sonhavam com terra prometida, algures no outro lado do Atlântico. Depositavam todas as suas esperanças no *Serpa Pinto*, e o seu capitão estava consciente da sua responsabilidade relativamente aos passageiros impacientes, que esperavam pela viagem libertadora lá em baixo no cais.

Uma derradeira oportunidade para Martin, Sophie e Irène van Leeuwen.

Para Maurice, Thérèse, Mireille, Lucien e Jacques Padawer.

Para Marcel Duchamp e Simon Weil.

Para Pierre Dreyfus e família.

Para 50 crianças pequenas.

Para muitos, muitos refugiados judeus da Europa abalada pela guerra.

As suas missões lançaram o experiente homem do mar num emocionante banho de contrastes. Durante quase três semanas, zuniram à sua volta palavras e frases alemãs, italianas e romenas. A língua de pessoas alegres, de inúmeras crianças traquinas, meninas com tranças loiras e meninos solícitos que se precipitavam para bordo em constantes aventuras. Ele levava-os do Brasil colorido e tropical com a Companhia Colonial de Navegação através do Atlântico para a Europa destruída pela guerra. Vinham do país descoberto um dia pelos navegadores portugueses Pedro Álvares Cabral e Bartolomeu Dias. Do país cuja língua ele falava. Um país que lhe era familiar. Mas, naquele maio de 1942, as crianças a bordo do *Serpa Pinto* contavam as suas histórias e cantavam as suas cantigas numa língua que não tinha nada da doce melodia da língua portuguesa. Não tinha nada de familiar. E que falava de uma outra, de uma pátria transfigurada. Aquelas crianças olhavam ansiosas, tal como os seus pais, para um futuro igualmente transfigurado.

Américo dos Santos tinha de reconhecer que a ideologia racista e a loucura da guerra alastrara inevitavelmente para o oceano. Restava-lhe uma pergunta: porquê?



## CAPÍTULO 2

### Uma longa história

Chamavam-se Hilde, Horst, Ruth, Lieschen, Hans, Lothar, Helmut e Uwe. Os seus apelidos eram Amsinck, Meyer, Breuer, Lehmann ou Schulze. Às suas aldeias e cidades na margem dos rios do Testo e Itajaí-Açu ou no extremo Sul do Brasil davam os nomes de Nova-Berlim, Nova-Pfalz, Nova-Breslau, Nova-Bremen, Reich Badenfurt, Hansa Humboldt, Pomerode ou Blumenau. Ao todo deviam ser 595 colónias.

Construíram casas de madeira e nas boas salas de visitas cheirava a broa de mel, bolinhos de areia e carne assada. Os seus clubes chamavam-se Germania, Turnerbund, círculo Bismarck, mocidade de Wartburg, Hindenburg e muitos simpatizavam com o NSDAP, no qual se tinham inclusivamente filiado. Liam o *Urwaldboten*, o *Blumenauer Zeitung*, o *Neue Deutsche Zeitung*, o *Deutsche Volksblatt*, o *Deutschen Morgen* com o suplemento *Die Deutsche Frau*. Pois: «O alemão que vive do outro lado da fronteira do Reich cria a sua própria Alemanha da alma, do espírito. A sua fortaleza é a casa, a família (...). Esta Alemanha só surge onde é levada pelo coração da mulher maternal. As mulheres são o coração de um povo. (...) O local onde as mulheres estão absolutamente presas ao seu germanismo não vai ao fundo. Elas incutem-no no coração dos jovens, preservando-o de geração em geração.»<sup>8</sup>

Não, isto não se passava na cidade colorida do Rio de Janeiro, embriagada pelo samba e transbordante da alegria de viver, nem na exótica Salvador da Baía, onde os descendentes, outrora escravos, sempre haviam praticado os seus rituais trazidos de África, em cerimónias de Candomblé, e adoravam os deuses da sua velha pátria. Nem na sufocante e quente Manaus com a sua excêntrica Ópera, o Teatro Amazonas, nem em Paraty, a cidadezinha colonial do século XVII muito bem restaurada, nem no centro cultural, económico e financeiro mais importante, o Moloch<sup>9</sup> de São Paulo. Passava-se no Sul do Brasil.

Quase soa a uma confissão envergonhada. Mas os guias turísticos também dedicam muitas das suas páginas a esta região. Por a fronteira entre o território colonial português e o espanhol há muito ser aqui disputada? Em desacordo com o Tratado de Tordesilhas selado no ano de 1494 pelos então predominantes domínios marítimos de Portugal e Espanha, mediado pelo Papa Alexandre VI, que dividiu o mundo numa metade portuguesa e outra espanhola?

Também Américo dos Santos, o experiente capitão do *Serpa Pinto* terá aprendido pouca coisa sobre esta porção de terra nos bancos de escola, em Lisboa. E na Escola da Marinha, quando muito, só ensinaram a Américo dos Santos que o porto mais importante do Brasil ficava a uma distância de 70 km do centro da cidade de São Paulo.

Quem conhece esse Brasil? E quem é que quer partir daqui para o coração da região marcada pelos imigrantes alemães, no Estado federal de Santa Catarina? Ou para o Pará? Para sítios onde outrora os colonos passavam dias a viajar, partindo do referido porto fluvial de Porto Alegre a cavalo ou em carros de bois. Hoje em dia a viagem de camioneta ainda se faz em doze a dezasseis horas. Para o Sul do Brasil, entre as fronteiras do Uruguai e da Argentina, o grande desconhecido? Quem quer viajar para esse canto de terra ardente? Lá, onde a dedicação e a eficiência alemãs são as características dominantes, onde as pessoas se juntam para a festa de outubro e do bowling, onde as salsichas e o Joelho de Porco fazem parte do menu – a par com a feijoada, o prato nacional, o feijão preto cozido, uma relíquia dos tempos de escravatura. Onde a cerveja alemã, o *chope*, onnipresente, e o balançar dos corpos não são palavras estranhas, onde a maior parte das casas de madeira estão tão longe da Alemanha, e o traje típico da Baviera e da Áustria e os calções de couro são oferecidos como recordação. A Serra Geral não é novidade para os turistas habituais e o conceito de conforto alemão à sombra das palmeiras surge por fim como um conforto não especialmente entusiástico, mas um pouco absurdo.

Mesmo assim, o viajante atual está mais bem instruído. Quem se poupar à longa viagem de camioneta e for de avião até Florianópolis, aí, onde no século XVIII se estabeleceram imigrantes portugueses dos Açores e da Madeira ao longo da encantadora costa do Atlântico e conquistaram a ilha de Santa Catarina, uma ilha situada à frente da cidade com quilómetros de praias intactas, baías recônditas e rebentação forte, percebe porque é que a massa de turistas anseia ir para lá hoje em dia. O panorama do pitoresco e belíssimo interior é de cortar a respiração. Quando viajamos rumo ao rio Itajaí-Açu, é-nos revelado todo o esplendor e estado virgem de uma natureza exótica. A Serra Geral, uma cordilheira bizarra, surge no horizonte ora escarpada, ora a desaparecer numa expansão infinita. O neveiro eleva-se entre os *canyons* e nos cumes delineiam-se as silhuetas das araucárias. Devem ser muito velhas, aquelas árvores que se alongam para o céu, símbolo da paisagem subtropical, pois há muito mais de cem anos que, apesar do vento, muitas delas seguram estoicamente os seus cálices sobre os seus troncos altos e despidos. Entre elas, palmeiras. Repetidamente palmeiras. E o florir luxuriante do ipê-amarelo com o seu amarelo brasileiro, símbolo de fertilidade, a primeira cor alegre entre o verde desbotado de um inverno

que se despede. Aqui vive o lobo-guará, o maior cão selvagem da América do Sul, e o macaco *alouatta*. E muito escondido na solidão imperturbável da região montanhosa, ainda deve haver jaguares. No matagal cerrado dos prados do rio espreguiçam-se os maiores roedores da terra, os *capivaras*, porcos do rio, pacíficos e castanhos-escuros. Na margem da estrada há uma *venda* asseada. Para os colonos a *venda* era simultaneamente taberna da aldeia e mercearia e providenciava o necessário para o dia-a-dia. Atualmente, tem, como sempre, comida caseira, salame, marmelada, queijo, cebolas e alho, mas também a cachaça dos brasileiros, um *must*, com cana-de-açúcar espremida na altura e um elevado teor alcoólico.

Os guias turísticos batizaram esta região de Itajaí de o «vale europeu». Nada disso. Aqui a arquitetura e os costumes podem remeter para o Velho Mundo, mas os nomes e letreiros publicitários na berma do caminho como Loeffelscheidt, Krause ou Lewandowski, Hotel Himmelblau ou Heideröslein ainda respeitam a cultura e a língua alemãs. E a natureza não se deixa confundir. Aqui no Sul do Brasil, no vale do Itajaí, e ali onde o Itajaí do Norte e o Itajaí-Açu se encontram, a floresta virgem sempre ditou as suas regras rígidas, revelando o seu esplendor e impondo ao homem a sua vontade.

Muito longe da Europa. Para os imigrantes, uma lição dura.

## CAPÍTULO 3

### Saudade, estação terminal

«Os tempos não permitiam queixumes. Há muito que não se hesitava. Anna, com a sua filha acabada de nascer, a quem deu também o nome de Anna, juntou-se à sua família e, em meados do século XIX, emigrou. Para o Brasil», escreveu Nuna Kräger nas suas memórias. «Anna Mäder era uma rapariga do campo, corajosa e alegre, da região fronteiriça da Suíça alemã. Engravidou do jovem barão de Schaffhausen mas, devido à pressão e à arrogância da mãe, ficou solteira. Mais tarde Anna confiou no seu bom senso e partiu.» Tornar-se-ia uma orgulhosa bisavó de brasileiros de origem alemã, pois a sua filha ilegítima Anna casara na nova pátria com Hermann Krüger, o fabricante de ferraduras e de ceifas imigrado da longínqua Pomerânia. Krüger não era um indigente; cansado do feudalismo caseiro, ansiava pelo seu pedaço de terra e levava consigo, para a sua nova vida na outra ponta da Terra, todas as suas poupanças – 400 táleres de ouro –, para aí construir no meio de palmeiras uma empresa modelo e concretizar os seus sonhos.

Os novos imigrantes vinham de Oldemburgo e da Renânia. Da Prússia, Schleswig-Holstein ou de Hanover. De Baden. Vinham de Braunschweig e da Saxónia. Ou de Württemberg.

Tal como Richard Marmein, que partiu da sua velha cidade natal de Estugarda com o irmão, o poeta nacional Carl Laemmle, no ano de 1902, até chegar ao porto brasileiro de São Francisco do Sul, onde a viagem por mar chegava ao fim, rumo a Joinville, Pomerode, Timbo, Indaial e Subida, e a seguir continuar a pé até à colónia hanseática de Hammonia, onde pretendia trabalhar na construção de estradas. Ele, o alemão do *Reich*, casou no seio de uma família de emigrantes. A sua noiva, Amalie Kleine, uma jovem rapariga de Rio Morto, próximo de Indaial, era neta do secretário Theodor Kleine e da sua mulher Marie. Em meados do século XIX, Kleine foi o braço-direito do farmacêutico Dr. Hermann Blumenau de Hassefelde im Harz que, com mais 17 colonos alemães, fundou no dia 2 de setembro de 1850, na bacia do rio Itajaí-Açu, uma região selvagem com 220 quilómetros quadrados, uma colónia modelo, a Colónia de Blumenau.

A minha bisavó Marie Kleine teve 12 filhos, 54 netos, 96 bisnetos e 6 tetranetos. «Na altura não era nada de invulgar», conta hoje Günter Spieweck, que conserva religiosamente todos os documentos da família na sua casa em Porto Alegre. O avô de Günter Spieweck, Richard Marmein, levou consigo para a floresta virgem a sua jovem mulher, Theodor e a bonita neta



Às suas aldeias e cidades à margem dos rios Testo e Itajaí-Açu e no extremo Sul do Brasil chamavam de Nova Berlim, Novo Palatinado, Nova Breslau, Nova Bremen, Império de Bradenfurt, Hansa Humbolt, Pomerode ou Blumenau. No total deviam ser cerca de 595 colônias.

de Marie Kleine, onde fundou uma fábrica de cerveja em Aquidaban. O negócio correu mais mal do que bem e a vida era dura. Mas, à semelhança de toda a gente, também ele e os seus se davam melhor com a tradição colonial e passaram a Amalie, aos filhos, netos e bisnetos desta o respeito pela tradição alemã. E insultavam-nos chamando-lhes *teutos*.

Mas não se dizia naquele tempo que nada melhor do que longe da pobreza de casa? Longe da Europa abalada pela guerra e pela crise com as suas exigências e obstáculos rígidos e permanentes? Depois das guerras de libertação, a Europa ficou em ruínas, regiões inteiras tinham sido devastadas, famílias separadas. Os senhores feudais reacionários empunhavam o ceptro. O desespero arrastava-se sob o teto das casas miseráveis das pessoas mais humildes. Emigração era a palavra mágica.

O Brasil um país das maravilhas? Um paraíso? Não, a região de Itajaí não era um paraíso. Apesar da sua dimensão, dos seus recursos minerais, da sua fauna e flora e dos seus incríveis contrastes. Para os primeiros europeus com espírito de aventura, a descoberta e a conquista foram uma decepção. Na terra dos papagaios quase não havia ouro, não havia metais



preciosos nem especiarias. Só depois de toda a Europa clamar por açúcar é que a missão valeu a pena para a metrópole portuguesa e, no século XVIII, algumas descobertas de ouro levaram à euforia e ao enriquecimento rápido. Obviamente que o povo brasileiro não viu muito desses tesouros, que eram imediatamente despachados de barco para a Europa. No império colonial o mote era «exploração». A seguir veio Napoleão. Ocupou Portugal com as suas tropas. Em 1808 o príncipe regente fugiu dos corsos com a corte para o Brasil, um país considerado bastante retrógrado. E apesar de funcionários públicos, criados, professores universitários, artistas, músicos e arquitetos seguirem o seu rei D. João VI com toda a fidelidade, construírem palácios e fundarem academias, só foram colonizadas as faixas costeiras. No Sul do enorme império, as fronteiras ainda não tinham sido estabelecidas, os portos ainda não tinham sido abertos aos navios estrangeiros e o comércio internacional era subdesenvolvido. Para se cultivar a terra era preciso mais gente.

Sul do Brasil: um «lugar sem povo»? Não totalmente. Mas os novos monarcas voltavam-se para a Europa. Foi dada preferência aos imigrantes europeus, que tinham de afastar os povos indígenas para as regiões menos férteis ou exterminá-los totalmente. Colonos da Europa, não os mal-afamados índios canibais Guarani, tinham de desbravar a floresta virgem. Deu-se início à «caça ao homem». No final de agosto de 1822, José Bonifácio de Andrade e Silva, o então Ministro do Interior, envolveu no segredo o major alemão Anton von Schaeffer e enviou-o em missão secreta para a Europa. Os emigrantes solícitos podiam vir; colonos trabalhadores que em caso de necessidade estavam à disposição para defenderem o país. Um jogo simples para o cúmplice de Schaeffer. Agentes sem escrúpulos andavam com realejo, canções impetuosas e poemas briosos por terras alemãs e pelas favelas do proletariado urbano. Levavam os seus cartazes coloridos, distribuíam folhetos e, sem escrúpulos, acenavam aos indigentes com as cores brilhantes de um futuro promissor num paraíso tropical. «Nada como sair da miséria», era o mote. O resultado não tardou.

«Mas a travessia em si mesma já valia a pena. Consoante o tempo, contava-se com entre 90 e 120 dias para a travessia do Atlântico. A minha bisavó estava grávida de três meses. A viagem de barco devia durar aproximadamente três meses. Mas o cargueiro navegou primeiro para a Austrália para ir buscar mercadoria. Sim, deve ter sido assim», escreveu Nuna Krüger pensativamente nas suas memórias. «Não, em vez de três meses, andaram a balançar pelo mar sete ou mais, sem poderem fazer nada. A criança veio ao mundo no veleiro. Essa criança era a tua tia-avó Marie que vivia numa casinha na atual Avenida Manuel Ribas. Era um descendente, pois a minha bisavó já estava no seu quinquagésimo ano de vida.»

Ventos fortes e chuva quebravam por vezes o mastro principal do navio, temporais lançavam o pânico. Muitos morriam de epidemia no mar alto ou chegavam ao Rio completamente exaustos e subalimentados. Febres e doenças dos trópicos faziam das suas. Os motins a bordo eram comuns e, além dos doentes à beira da morte, as mulheres davam à luz no mar alto. Como a bisavó de Nuna. Por isso, ainda hoje, todas as famílias de imigrantes têm a sua própria história. Estes agricultores, curtidores, ferreiros, carpinteiros, mercadores, alfaiates, médicos e professores de terras alemãs iam à procura de uma vida melhor. E isso tinha o seu preço. Na sua miserável bagagem levavam as suas ferramentas, a sua arte, as suas tradições, os seus folclores e trajes regionais tradicionais, a sua língua e os aromas da cozinha da sua pátria. Atualmente, nos prospectos lustrosos, os infindáveis quilómetros de costa com as suas praias maravilhosas, as grandes e pequenas baías, pântanos e lagoas são um paraíso, ali, no extremo Sul do Brasil. Uma «pequena porção da Alemanha», plantada no vale Itajaí, «onde se pode descobrir o legado dos imigrantes alemães na arquitetura de madeira, na comida e nas festas tradicionais, nos jardins tratados e na poderosa indústria têxtil». Nessa altura, praias, montanhas, vales, rios, quedas de água e florestas não convidavam ao turismo próximo da natureza. Estes homens deixaram para trás a fome, o desemprego e a improbabilidade. No entanto, o Brasil, esse enorme país com mais de oito milhões de quilómetros quadrados, foi inicialmente uma má troca. Na Europa tinham-lhes prometido o azul do céu, mas a realidade era diferente. Ainda não fora feito o levantamento topográfico da Terra Prometida. Havia problemas jurídicos. O sonho de possuir terra própria era uma bola de sabão. No matagal da floresta virgem estavam à espreita animais selvagens e índios Guarani irados, que tentavam proteger o seu território dos invasores brancos. A nova vida não era apenas um desafio, mas uma pressão a vencer numa natureza misantrópica e indomável. Mas já não havia retorno. Uma vida pioneira dura, na floresta virgem do Sul do Brasil, para o assalariado de Hunsrück, o filho do lavrador da Floresta Negra, o artesão de Bremen, munido de faca e foice, isolado numa região selvagem.

Mas acabaram por se habituar aos gritos roucos dos macacos *alouattas*, aos mosquitos agressivos, às cobras *urutu*, com manchas amarelas e pretas e muito venenosas, ao andar furtivo dos pumas, aos inúmeros roedores, aos *gambas*, uma espécie de marsupial enorme que segregava um cheiro pavoroso quando se sentia atacado, aos porcos-espinhos e aos jacarés ágeis. Mas também ao mundo variegado de borboletas multicolores, aos papagaios tagarelas e aos colibris a zunir nas enormes copas de árvores, à poderosa fauna e flora ao longo dos riachos de montanha que se precipitavam ferozmente, às canas de bambu, às palmeiras e à quantidade de laranjas suculentas.

As famílias eram numerosas e havia muitas bocas para alimentar. Onze a quinze crianças por família não era nenhuma raridade. Pai, mãe e o grande rancho de crianças iam para o campo e plantavam arroz, tabaco, mandioca, cana-de-açúcar, milho e feijão. «As raparigas não eram exceção», sabia Nuna Krüger através da sua exigente mãe. «Todos tinham de trabalhar. Sem exceção.»

Mas os imigrantes alemães foram-se habituando gradualmente ao *minuano*, o vento frio que no inverno e no início da primavera vinha das montanhas e atravessava, soprando, a planície do Rio Grande do Sul. A região era demasiado quente para batatas alemãs. Por isso semeavam batatas-doces, pois para eles as batatas estavam relacionadas com a pátria. Os Krüger, os Kleine e os Marmein aprendiam a viver com os aguaceiros tropicais, cujas enormes quantidades de água transformavam a terra vermelha das *picadas* em estradas de lama escorregadias e apreciavam cada vez mais o *chimarrão*, a bebida nacional do Sul do Brasil feita com folhas de malte, secas e empoeiradas pelo vento fresco do sul, mergulhadas em água a ferver, e que é passada de boca em boca numa abóbora com uma palhinha de prata.

Mas mantiveram-se alemães.

«A avó desceu ereta da desconfortável carroça coberta, um simples carrinho de mão com um tejadilho primitivo. Ainda trazia o seu velho traje regional alemão da sua aldeia e as fitas da touca em bico moviam-se com a leve brisa do pino do verão.<sup>10</sup> Trajes das florestas negras ou trajes alemães no meio das palmeiras? As resistências inesperadas, o exotismo supostamente ameaçador, as saudades e a solidão pouco habitual uniam os imigrantes uns aos outros e às suas tradições. Tudo o que era estrangeiro era suspeito. A única coisa que contava era a sobrevivência. Uma sobrevivência entre eles. Dependiam uns dos outros. Chamavam o «novo» país de acordo com a antiga pátria: Nova-Württemberg, Nova-Berlim, Nova-Brandeburgo. Conservava-se o que era familiar. Na margem do rio do Testo ou do rio Itajaí-Açu, no interior de Timbó ou ao longo das inúmeras cascatas do vale de Itajaí, em Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul, os imigrantes estabeleceram-se autonomamente. Os seus sacerdotes e professores fundaram uma comunidade e escolas. O material didático e os livros vinham da Alemanha. A União Popular para os Alemães no Estrangeiro e o Instituto Alemão de Estrangeiros ocupavam-se do ensino da nova geração. Quem conseguia, podia fazer o exame final do ensino secundário. Um exame alemão. Os brasileiros de origem alemã que preservavam qualquer coisa de comerciante, industrial ou intelectual foram, desde a viragem do século, membros do círculo bismarckiano<sup>11</sup> de Porto Alegre. E quem estava em condições de o fazer, mandava educar e ensinar os filhos na Alemanha.

No final dos anos trinta do século anterior, 70% do povo da cidade de Blumenau, no Sul do Brasil, era de ascendência alemã ou alemães do *Reich*. Os últimos só emigraram para o Brasil a seguir à Primeira Guerra Mundial e, como recém-chegados, foram recebidos com algum ceticismo. Só 10% dos habitantes de Blumenau é que falavam português. 30% conseguiam perceber alguma coisa de português, mas não se sentiam brasileiros. Liam assiduamente o popular *Kalender*, em alemão, com as suas informações e conselhos práticos. Podiam assinar o *Neuen Deutschen Zeitung*, o *Deutschen Volksblatts*, o *Urwaldboten* (fundado em 1898), o *Blumenauer Zeitung* (fundado em 1881) ou o *Kolonie-Zeitung*.

As comunidades evangélicas no Brasil foram discriminadas durante décadas; os seus padres, instruídos na Alemanha e assistidos a partir da Alemanha, eram sistematicamente excluídos pelos funcionários públicos. As igrejas evangélicas não podiam ter campanários e os casamentos protestantes não eram legalmente reconhecidos. As igrejas protestantes ficavam contudo sob a tutela do seu pároco, refúgio e abrigo dos alemães.

«A Igreja evangélica, que com razão é considerada um fruto da união do evangelismo com o espírito germânico, está na base do sangue do germanismo», diz Wilhelm Rotermund, o primeiro presidente e fundador do sínodo de Rio Grande do Sul.<sup>12</sup> As missas eram obviamente celebradas na língua alemã.

«E se os mares nos separam da tão longínqua terra alemã,  
Também aqui deve florescer a essência mais forte do germanismo.  
Nós queremos exaltar o espírito e o exército da nova pátria,  
Pois os nossos corações baterão sempre pela Alemanha».<sup>13</sup>

## CAPÍTULO 4

### O fantasma da memória

«O meu bisavô, Hermann Krüger de Pommern, que se estabeleceu primeiro em meados do século XIX em Joinville, conheceu a desilusão amarga dos imigrantes», contaria mais tarde a sua bisneta Nuna aos filhos. «Os talêres de ouro, que tinham trazido e poupado com muito esforço desapareciam rapidamente, pois as cheias, a malária e as más colheitas acabavam rapidamente com os seus sonhos de fazendeiros. Mas a minha corajosa bisavó, Anna Mäder, de Baden, não se deixava ir abaixo. Sujeita à necessidade e à falta de assistência médica, mandou vir da velha pátria livros técnicos e aprendeu por iniciativa própria a profissão de parteira, tão solicitada na floresta virgem.»

E as coisas foram melhorando. A sua filha ilegítima, filha do pecado, que também se chamava Anna, casou com o filho do azarado mas ambicioso pomerano fabricante de ferraduras e de foices, Hermann Krüger Júnior de Florestal.

A oficina corria bem. Estavam satisfeitos e a família crescia: Anna e Hermann Krüger tinham sete filhos e cinco filhas.



*Ewald Krüger e a sua mulher Christina Hassmann, filha de colonos de Brusque, com os seus sete filhos: Elisa, Hermann III, Paul, Hilda, Lothar, Regina e finalmente a pequena Irmgard, a quem tratavam carinhosamente por Nuna.*

«Ao sábado a casa era esfregada, o jardim arranjado. As crianças iam buscar areia à margem do rio e espalhavam-na no caminho em frente de casa. Quando estava tudo pronto e o gado tratado, iam buscar as esteiras e o avô cantava com as crianças, a três vozes, com o olhar posto no céu, as canções populares da sua terra. E as enormes saudades faziam-no vibrar. (...) No Natal modelava os mais belos animais e anjos com barro do rio para enfeitar os presépios», sabia Nuna de lhe terem contado. «No jardim floriam gerânios, brincos-de-princesa, primaveras e a especialmente apreciada rosa rosa-clara, a *saroquette*.»

Até as flores se conservavam entre si.

Mas nas terríveis margens do rio do Sul do Brasil, onde os colonos alemães, sob as condições mais adversas, tinham lançado a primeira pedra da sua prosperidade, agora, no final do século XIX, a jovem geração apressava-se a ir para as cidades. Para Blumenau, para os portos de Porto Alegre e Curitiba ou para São Paulo. Na metrópole de São Paulo, situada a 800 metros sobre o nível do mar, produzia-se, comerciava-se, exportava-se e importava-se ativamente. O armazém *Casa Alemã* da família Heydenreich fazia furor a nível internacional, a *Farmácia ao Veado de Ouro* andava na boca do mundo e a muito apreciada «cerveja alemã» feita por Louis Bücher, ainda hoje conhecida como *chope*, chegou a ser o produto com mais êxito entre os imigrantes alemães. Entretanto, o Brasil há muito que se tornara o maior fornecedor de café do mundo e os valiosos grãos fizeram de alguns descendentes alemães barões do café abastados. O filho mais velho de Hermann Krüger II, Ewald Krüger, nascido em Morete, perto de Curitiba, no Sul do Brasil, também há muito que tentava a sua sorte, tendo abandonado a casa dos seus pais e a oficina aos 16 anos de idade. Associou-se à Sociedade Anónima de caminhos de ferro de Santa Catarina e colaborou no novo trajeto que ligava Blumenau a Hammonia. Em 1890 casou com Christina Hassmann, filha de colonos, de Brusque, e à custa de muita dedicação e coragem, trabalhou para o prestígio e a ascensão da família Krüger. Nasceram sete filhos, uns atrás dos outros: Elisa, Hermann III, Paul, Hilda, Lothar, Regina e finalmente Irmgard, a quem chamaram carinhosamente de Nuna. A mais nova, nascida a 22 de abril de 1910 em Ponta Grossa, filha do engenheiro de caminhos de ferro e da sua mulher Christina, que conhecera num clube de dança, devia ter tido, tal como as outras crianças, uma vida muito melhor do que a geração de imigrantes. Irmgard falava alemão, frequentava a escola alemã, tinha aulas de ténis, era membro do Clube Desportivo Germania, tinha aulas privadas de literatura alemã, estudava assiduamente piano, foram-lhe revelados os segredos da cozinha alemã, aprendeu a fazer bolo de cerejas da Floresta Negra para as reuniões de chá da mãe e tirou um



curso de costura para se preparar para o casamento: «Consciente de que um homem completo, conquanto as circunstâncias o permitam, tem de cuidar da mulher.» «Em nossa casa tinha de se falar alemão, embora o papá nunca tivesse estado na Alemanha», contou Nuna mais tarde. Aos 15 anos, a jovem loira foi pela primeira vez a um baile, com um vestido de *crêpe de Chine* cor-de-rosa. Uma rapariga alemã no Brasil.

No Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Pará, a prosperidade estava garantida. A caixa retinia. O novo estilo de vida correspondia. Ia-se ao teatro alemão, ouvia-se melodias de opereta e de ópera e finalmente casava-se consoante a posição social, numa das casas comerciais. «Lisa há muito tempo que tinha uma empregada doméstica. Charlotte tocava piano: estudava seis horas por dia. Para as raparigas da cidade nada era demasiado caro. Tinham um ar encantador. Também não era de admirar: não faziam nada!», escrevia radiante uma mãe colonialista.<sup>14</sup>

Raparigas alemãs, entre elas as melhores filhas da Alemanha.

Além dos astutos comerciantes, artesãos e farmacêuticos, os intelectuais e os artistas também encontravam agora o seu nicho. Abria-se a porta para um novo mundo.

Mantinhm-se unidos entre si, construíam os seus hospitais, asilos e cemitérios, compravam na pastelaria alemã e passavam os tempos livres nos seus clubes desportivos e da juventude. À noite iam à cervejaria alemã, cujo dono era alemão.

No entanto, a imagem da Alemanha dos colonos, criada pelos seus bisavós, avós e pais, transformou-se completamente. Uma imagem distorcida. Não tinha nada a ver com a realidade da velha pátria. Nos clubes patrióticos mantinham-se as tradições que eram passadas de geração em geração, um sucedâneo das relações anteriores perdidas, e cultivava-se a ideologia alemã nacionalista. Nos clubes de tiro e de bowling deleitam-se ainda hoje com as Festas Nacionais do Bolão e com a compatível comida típica alemã, costeletas de porco fumadas, extremamente apreciadas. E os clubes corais que, como sempre, praticam o repertório de cantigas da sua pátria, louvam a beleza dos rapazes e, para aqueles que querem ouvir, trauteiam uma lãngueta «Heideröslein»<sup>15</sup>. As marchas já não são tão briosas e os membros da orquestra *Super Banda Chopão*, de Blumenau, vestem calções de cabedal e usam chapéus de feltro com um tufo de penas, e têm atualmente um ritmo mais português do que alemão. Tudo isso se reduziu entretanto a um folclore inocente.

«Além dos jardins de legumes, sobressai a plantação de pomares com fruta de todo o tipo e todos vivem realmente à sombra das suas videiras e figueiras (...). A natureza profusa da minha pátria rende ao colono duas a três safras de batatas e em janeiro uma colheita de feijão preto (...). Das co-

pas verdes das laranjeiras e dos pessegueiros espreitam os telhados de telha vermelha das casas das fazendas (...). Naquelas colónias é natural que a vida social faça brotar as suas flores de acordo com a velha pátria do pai.»<sup>16</sup>

A seguir à Primeira Guerra Mundial chegaram os «novos alemães». No dia 24 de agosto de 1922, na semana ultramarina, o coronel Gaelzer-Netto, o comissário federal brasileiro, fez, em Hamburgo, uma propaganda eficaz à sua pátria. Num discurso entusiástico acerca do Brasil, elogiou a perseverança dos colonos alemães e exaltou a sua obstinada força de vontade. Um reclame promissor. Em 1918 a Europa estava devastada. A Alemanha carregava o peso da guerra perdida. O Tratado de Versalhes foi considerado uma profunda humilhação, o descontentamento relativamente à República de Weimar era grande. Muitos procuravam desesperadamente uma saída para a crise económica, a pobreza e o desemprego. A miséria económica levou-os a terem de tomar uma decisão. A emigração foi novamente anunciada. Só o coronel brasileiro Gaelzer-Netto é que não sabia. Com conferências empolgantes iludia-se agora os que queriam partir, jovens e pais de família, que já não viam qualquer futuro na pátria, nem para eles nem para os seus filhos. Os inúmeros «alemães do *Reich*» – os veteranos imigrantes dos vales do Sul do Brasil eram denominados com alguma condescendência de «novos alemães» – foram atraídos para o ultramar.

«Os anos de 1919 e 1920 foram ainda piores do que os últimos anos de guerra», escreveu nas suas memórias Johann Albert Spieweck, nascido a 18 de dezembro de 1905, em Hermsdorf perto da capital do *Reich*, e prosseguiu:

«(...) e o bloqueio contra o nosso país continuou, o povo continuava a passar fome e, além disso, havia insegurança em todas as regiões, a guerra civil lançava as suas sombras também em Hermsdorf. A insegurança à noite nas ruas era cada vez maior e por vezes, à noite, a associação de inquilinos da casa Schlosseck, organizada pelo meu pai, ficava de vigia no corredor escuro, para se defenderem contra assaltos repentinos de espartaquistas. Em março de 1920, a minha mãe, os seus irmãos e pais foram para Flensburg para um referendo. Tinham de regressar até ao meu Crisma. Na mesma altura deu-se o Kapp-Putsch<sup>17</sup> em Berlim, e os partidos de esquerda decretaram greve geral. O meu Crisma foi festejado pela noite dentro em família, evidentemente à luz da vela, pois as fábricas de gás estavam também em greve. A nossa festa foi interrompida à meia-noite com tiroteio na vizinhança, onde a Polícia e as tropas descobriram um depósito de munições dos Vermelhos. Tinha de enterrar o meu velho sonho de vir a ser oficial da Marinha como o meu pai, pois, com a revolta e a guerra perdida, a Alemanha já não tinha Marinha, até os navios mercantes tiveram de ser entregues aos vencedores.» Spieweck continuava a informar: «Tendo em consideração as condições cada vez mais difíceis da Alemanha, para

escapar ao desemprego que era cada vez maior e ao terror político que se tornava cada vez mais poderoso, o meu pai tomou a decisão de emigrar. O seu destino inicial era África. Mas as potências inimigas anteriores não autorizavam nenhuma emigração alemã para as anteriores colónias alemãs, e por isso o nosso destino passou a ser o Brasil.»

O comissário federal brasileiro, o coronel Gaelzer-Netto não estaria a ir longe de mais? Enaltecia «a dedicação, a honestidade, a poupança, a perseverança, o respeito pela autoridade e pelas leis e o amor pela nova gleba que tem a obrigação de repor generosamente a pátria perdida. (...) As portas da minha pátria estão abertas a quem possuir estas virtudes.»<sup>18</sup> Grandes promessas. Tal como se apresentava a realidade, devia primeiro fazer-se um reconhecimento da Terra Prometida. Por isso, na longínqua Berlim, a família Spieweck, atormentada pelas circunstâncias daqueles tempos, fez as malas. O casal separou-se do seu mundo e dos seus entes queridos e, no dia 24 de março de 1922, embarcou, em Bremerhaven, com os seus quatro filhos, Johann, Margarete, Kurt e Otto, no *Köln*, um novo navio a vapor da Companhia de Navegação Lloyd, da Alemanha do Norte. «Foi particularmente penoso separar-me dos meus livros, dos quais só podia levar cerca de 10 exemplares. Mas pude levar o meu violino e o meu material de desenho. Os nossos companheiros de viagem eram quase exclusivamente emigrantes como nós, entre os quais havia muitos mineiros da região do Ruhr, trabalhadores da Saxónia e camponeses refugiados dos divididos territórios alemães de Leste», conta o filho mais velho.

Uma odisseia de indigentes.

A história repetia-se. Só a viagem dos novos imigrantes era mais curta e razoável. A 15 de abril de 1922, após uma travessia tempestuosa de três semanas, o navio saiu de Bremerhaven, passou pelo Pão de Açúcar do Rio e chegou à baía de Guanabara.

A família, composta por seis elementos, proveniente de Hermsdorf, perto de Berlim, pisou solo brasileiro. Pouco tempo depois, os imigrantes, exaustos, ainda tiveram de continuar até à Ilha das Flores para tratarem de todas as formalidades. Mas a viagem prosseguia com o navio a vapor *Sirius* da Lloyd brasileira do Rio por Santos, Paranaguá, até Florianópolis. Daí viajava-se passados dois dias com o *Rui Barbosa* para Itajaí e com o vapor fluvial *Blumenau* pelo rio Itajaí acima até à cidade de Blumenau. Um último comboio levou a família até à estação de Hansa. Tinham chegado à região da comunidade de colonos hanseáticos. Um empreendimento ousado. Uma viagem à volta do mundo. Aqui iriam ser finalmente realizadas as expectativas dos emigrantes. «O meu pai levava no bolso uma carta de recomendação de Hamburgo para o diretor da colónia, o Sr. Deeke», escreveu nas suas memórias Johann Albert Spieweck, na altura com 16 anos de

idade. «O Senhor Deeke mostrou-nos os planos mais recentes do levantamento tipográfico e aconselhou-nos a colônia Dona Emma, em Alto Rio Kraul, situada mais acima. Esta região tinha acabado de ser colonizada por imigrantes alemães. O meu pai tinha de ir lá primeiro sozinho a cavalo para ver o sítio. Por isso, no dia seguinte foi a cavalo a Dona Emma, escolheu uma colônia próxima do rio Helena e assinou o contrato de promessa de compra e venda.» A família tinha um novo destino, uma nova tarefa, um novo sítio para ficar. Era a última vez que iam andar por montes e vales.

«Desta vez o êxodo foi feito em carroça com as bagagens todas através de Nova-Stettin, Nova-Bremen e rio Uru até Dona Emma. Chegámos à noite, bastante tarde. Instalámo-nos praticamente no meio da floresta virgem, primeiro ocupando-nos da casa. Construímos estrados toscos, uma lareira feita com pedras e, com paus e tábuas, fiz uma mesa e bancos. Ia todos os dias a pé com o meu pai para a nossa propriedade onde, com machado, foice e *facão* desbravámos mato para termos espaço livre para construirmos uma casa.»

Mas o destino não agoirava nada de bom para os «novos alemães» de Hermsdorf. Apenas oito semanas depois de Otto Alexander e Christine Spieweck terem subido para o comboio em Berlim com os seus filhos Johann, Margarete, Kurt e Otto, rumo a Bremerhaven, atrás das promessas do Sul do Brasil, para se despedirem definitivamente da sua querida Europa, o pai, e motor da família, morreu inesperadamente de enfarte cardíaco na nova colônia alemã Dona Emma. A família viu-se no meio do nada: «De repente todas as nossas esperanças foram cruelmente destruídas. A nossa mãe tinha apenas uma coisa na cabeça: regressar à Alemanha! Eu próprio me opus à ideia. Não queria voltar para um mundo que abandonara com tantas esperanças no futuro. Não queria voltar fracassado, regressar para junto dos meus familiares que me tinham desaconselhado a emigrar», escreveu Johann Albert Spieweck. O jovem passou a noite a defrontar-se com problemas inesperados, com uma responsabilidade que quase o sufocava.

Regressar ou não? A decisão foi brutalmente arrancada à viúva desesperada. A seguir ao funeral, o cônsul alemão de Blumenau comunicou-lhe que da herança do marido restava-lhe apenas dinheiro para pequenas despesas. «Todo o nosso património, transferido confiantemente pelo meu pai, em moeda alemã, em Reichsmark<sup>19</sup>, para Blumenau, desaparecera entretanto com a inflação galopante. De muitas centenas de milhar de Reichsmark restavam apenas 2000 milreis (a moeda brasileira). «A mãe Spieweck arregaçou as mangas, comprou uma máquina de costura em segunda mão e abriu uma loja de confecção de roupa de senhora. Johann Albert, o filho mais velho, com 16 anos de idade, arranjou emprego em Nova-Berlim numa pequena fábrica de cerveja da família Marmein, de origem alemã.



*Christine Spieweck, da longínqua Berlim, ficou sozinha na pequena colónia alemã Dona Emma com os seus filhos Johann, Margarete, Kurt e Otto. O seu marido sucumbiu a um enfarte cardíaco poucas semanas depois de terem imigrado.*

A primeira geração de emigrantes alemães pôde ler preto no branco no seu jornal de 15 de junho de 1923, o *Urwaldboten* de Blumenau: «Chegam aqui emigrantes da Alemanha em quase todos os navios a vapor, ultimamente sobretudo da região do Ruhr, onde as condições são cada vez mais insuportáveis. Estão geralmente providos de poucos recursos, muitas vezes não têm dinheiro e não é fácil arranjam abrigo.» No ano de 1923 atingiu-se o pico da emigração alemã. Mais de 115.431 alemães deixaram a pátria para tentarem a sorte em países longínquos. Proprietários de navios



tornaram a travessia possível. A seguir à Primeira Guerra Mundial, a Alemanha perdeu com efeito quase toda a sua carga marítima, mas os armadores queriam a reconstrução. Em 1920, a reputada Companhia de Navegação Hamburg-Süd já tinha reiniciado os seus serviços para a América do Sul com navios alugados. E dois anos depois estavam a postos navios para emigrantes, novos em folha, de todas as companhias de navegação. Entre eles o *Köln*, com capacidade para acomodar 300 passageiros em terceira classe e 500 no convés.

Johann Albert Spieweck, o jovem de 16 anos, não suspeitava que 20 anos mais tarde iria voltar a atravessar o Atlântico com a família num navio do destino. Ainda acreditava piamente num futuro no Brasil: «O meu pai prometera-me muitas vezes o futuro como ele o imaginava e eu vi nisso um sinal de que ainda iria conseguir salvar-nos da situação complicada que se vivia na Alemanha e levar-nos para um mundo novo antes de morrer. Apesar dos meus 16 anos, sentia-me suficientemente forte para prosseguir o caminho que o meu pai iniciara.» O jovem inexperiente conseguiu arranjar trabalho como vendedor através de pessoas conhecidas e começou pela primeira vez a fazer contactos com os *tropeiros*, os almocreves e vendedores ambulantes que andavam pelo país com os seus animais e a sua mercadoria. «Para melhorar o meu conhecimento do idioma local, sentava-me a seguir ao trabalho com os *tropeiros* em barracões descobertos onde, pela noite dentro, aprendia a beber *chimarrão*, a comer assados no espeto e admirava a persistência e a paciência com que os simples *caboclos*, descendentes de índios e brancos, se esforçavam por me ensinar brasileiro e melhorar a minha pronúncia.»



## CAPÍTULO 5

### Alemanha, o cordão umbilical – A geração de novos imigrantes e o NSDAP

Não foram só as condições do país tropical a que não estavam habituados que dificultaram a vida aos «alemães do *Reich*» no Brasil. Além disso, não percebiam a língua estranha dos brasileiros de origem alemã e não se sentiam integrados. Não raramente tinham inveja e ciúmes deles, pois os recém-chegados eram em parte mais experientes, a maioria era instruída e sabia utilizar máquinas agrícolas. «Tentei aproveitar a minha experiência, mas todas as minhas tentativas de trabalhar de uma forma racional e atualizada falharam e foram mal sucedidas devido à incompreensão do meu patrão, que queria continuar a trabalhar como sempre trabalhara», escreveu o desesperado Johann Spieweck nas suas memórias. «A única nova aquisição foi uma máquina de engarrafar anidrido carbónico, importada da Alemanha. Mas que também foi instalada sem grande atenção por parte da regulamentação da empresa e a primeira garrafa rebentou logo à primeira tentativa de engarrafamento (...). O meu esforço para alterar o sistema de vendas e o organizar solidamente também foi inútil. As vendas contra reembolso eram desconhecidas, os clientes pagavam como lhes convinha, a contabilidade feita regularmente não era habitual (...). A consequência inevitável foi as vendas descerem constantemente até ao colapso económico.» O mundo arcaico dos anteriores assaltantes da floresta virgem era desconhecido para os recém-chegados da Alemanha; grande parte deles tinha a sensação de ter caído numa armadilha e sonhava com a pátria perdida.

Em 1927, Gustav Buchholtz, de 22 anos de idade, também se fez ao caminho. Além das experiências e das recordações amargas, o alemão bem desenvolvido, natural de Kiel, não deixou nada na sua pátria. Dois irmãos morreram em combate na planície de Flandres, o pai morreu com a gripe espanhola e a mãe de desgosto. Completamente empobrecido, mas com a morada no bolso de um tio que não conhecia, Gustav Buchholtz partiu para o Sul do Brasil onde arranjou trabalho num moinho de moer trigo numa pequena cidade povoada por alemães. Também ele teve de fazer um esforço para se orientar no novo meio e encontrar o seu caminho no seio dos veteranos. Esse caminho conduziu ao amor. Pois embora os alemães do *Reich* se sentissem normalmente excluídos e sofressem de desintegração, os rapazes eram bem aceites pelas raparigas brasileiras de origem alemã. E assim Johann Spieweck casou com Gustel Marmein, a filha do proprietário da fábrica de cerveja de Nova-Berlim. E, segundo Gustav Buchholtz, o filho



*Nuna Krüger e Gustav Buchholtz quando ficaram noivos em Curitiba.*

mais novo de Nuna, o Krüger de Curitiba: «Conhecemos uma boa parte de Santa Catarina através das suas colónias tipicamente alemãs. Brusque e Blumenau acolheram-nos durante uns dias e ficámos entusiasmados com a prosperidade dos seus habitantes e a sua vontade de produzir. Onde ainda há poucas gerações havia uma floresta virgem selvagem e impenetrável, uma determinação forte e uma dedicação férrea ao trabalho levaram à criação de centros industriais que atualmente já não se podem separar da vida económica do país», relatava entusiasmado Gustav Buchholtz durante a sua viagem de núpcias. Abriam-se novas perspetivas.

E continuavam a chamar-se Hilde, Horst, Hans, Otto, Ruth, Lieschen, Lothar, Helmut, Kurt e Uwe. Tratavam-se por «vôzinho» e «vózinha». E cantavam canções alemãs. Os rapazes fizeram-se membros do orfeão, encontravam-se no teatro, para caçar, jogar bowling, fazer ginástica, na festa de tiro ao alvo, na festa da cerveja e, finalmente, também nas reuniões do NSDAP. O entusiasmo pelo novo despertar da Alemanha era grande, exaltava-se o nacional-socialismo e tinha-se esperança de regressar um dia à pátria. As humilhações não tinham sido esquecidas, as feridas não tinham sarado. E os novos alemães treinavam a espargata. Tinham deixado a Alemanha, mas não tinham chegado bem ao Sul do Brasil. O partido trabalhista nazi alemão era o substituto da pátria. E como a filiação no partido só era permitida aos alemães do *Reich*, estes assumiram posições de chefia e tornaram-se líderes. A primeira vez que se tornaram simpatizantes dos objetivos dúbios de Hitler foi no país de adoção.

Mas o Brasil estava igualmente em transformação, pois a Primeira Guerra Mundial deixara também o seu rasto neste país – «15 vezes maior do que a anterior extensão do Império Alemão.» A economia do Brasil estava mais do que nunca dependente das oscilações do mercado internacional. A corrupção estava na ordem do dia e levava ao descontentamento e às tensões internas.<sup>20</sup> O apelo por um homem forte era cada vez mais alto. Getúlio Vargas, o «ditador em miniatura de um império gigantesco»<sup>21</sup> que, devido à sua estatura, era comparado com Napoleão, organizou um golpe de Estado em 1930, apoiado pelos militares. Preparou-se com os oligarcas agrários complacentes, planeou, como «pai dos pobres» o movimento das reformas sociais e insistiu numa autoridade central forte com uma política económica centrada no Estado. A indústria nacional brasileira devia ser independente do estrangeiro e a língua portuguesa fixar-se-ia como idioma



*Entre um total de 83 grupos nacional-socialistas no estrangeiro, o Brasil foi precursor; o partido estava representado em 17 Estados brasileiros. Só o grupo local do Brasil é que evoluiu para uma organização duradoura e foi reconhecido pela sede de Munique.*

local nas comunidades de emigrantes. Esta nova doutrina deveria acelerar a assimilação, unir o povo, reforçar o patriotismo e a identidade brasileira. Objetivos de um ditador com consequências bastante vastas.

Nos Estados do Sul tentava-se por enquanto dar pouca importância a isso. A 1 de julho de 1928, o NSDAP de Timbó do Sul do Brasil no Estado Federado de Santa Catarina foi oficialmente reconhecido como o principal

representante do Partido em Munique fora das suas cúpulas. Uma notícia no *Urwaldboten* de 30.11.1928 fez uma propaganda estrondosa: «Atenção, alemães do *Reich*, combatentes da linha da frente, antissemitas (...) querem enviar a vossa morada.» A agitação dos nacional-socialistas do Sul do Brasil caiu em chão fértil. Em 1931, o dirigente da organização, Gregor Strasser, fundou o Departamento do Estrangeiro do NSDAP, uma organização precursora da organização estrangeira e, ainda no mesmo ano, o grupo local do Rio de Janeiro foi também reconhecido oficialmente pela direção do NSDAP. O Departamento do Estrangeiro era o cordão umbilical que ligava os alemães do *Reich* no estrangeiro ao partido na Alemanha. Acompanhava os alemães que estavam longe da pátria e propagava a cosmovisão nacional-socialista. Os seus membros deviam respeitar as leis do país de acolhimento e privarem-se de interferir na sua política interna, mas a propaganda para a «comunidade popular» continuava a ser tarefa deles. Na rede de um total de 83 grupos locais nacional-socialistas no estrangeiro,<sup>22</sup> o Brasil era pioneiro e o partido estava representado em 17 Estados brasileiros. O grupo local no Brasil evoluiu para uma organização estável e foi reconhecido pela sede de Munique. «A cruz gamada decorava a sala e inscrições engenhosas bradavam palavras enérgicas aos que entravam (...). Após quatro anos de lutas sangrentas, conseguiu-se reunir os esforços de meio mundo e derrotar a Alemanha, conseguiu-se arrancar a coroa à dinastia de Hohenzollern, mas Bismarck não conseguiu destruir a unidade da Alemanha», anunciava a 19 de janeiro de 1932 o *Urwaldboten* aos seus leitores, incitando à beligerância.

Getúlio Vargas, que começou a sua carreira política como delegado do Congresso do Estado Federal de Rio Grande do Sul e que também foi governador daquela província, onde a maior parte dos colonos de origem alemã se sentia em casa, começou a bajular a Alemanha nazi. Nas suas cartas, o jurista ambicioso tratava por grande e bom amigo Sua Excelência Adolf Hitler. Bajulava-se o *Führer* alemão e, do outro lado do oceano, reinava também uma verdadeira ditadura fascista.

No início de 1934, uma delegação financeira visitou o Brasil. Getúlio Vargas fez uma doação generosa à Obra de Assistência de inverno<sup>23</sup>, enviou carregamentos de café para o *Reich* e mandou o filho para a Alemanha, para tirar um curso superior. Os negócios entre os dois países corriam às mil maravilhas, o governo brasileiro aprovou a expansão da companhia de aviação *Condor*, consentiu-se a extradição de pessoas politicamente indesejadas, como por exemplo a judia Olga Benario, e elementos da Polícia receberam instrução da Gestapo.

Apesar disso, o governo brasileiro manteve uma desconfiança secreta relativamente à população de origem alemã, sobretudo à população do Sul do Brasil. Provavelmente com razão. Desde sempre que os *teutos* e as

suas numerosas famílias só se davam entre si nas suas colónias. A língua e os costumes da sua longínqua pátria eram sagrados para eles. A mistura de muitos povos continuava a ser uma coisa estranha e a assimilação era impensável. Mas a situação intensificou-se, pois os nacional-socialistas gabavam-se da sua obscura supremacia.

«Quem consegue imaginar chegar a uma cidade no meio da América do Sul, onde dificilmente se ouve uma palavra de português, onde as casas fazem lembrar uma pequena cidade do centro da Alemanha, onde os letreiros das lojas estão escritos em alemão? Por toda a parte se veem palmeiras, mas quase parecem estar deslocadas, numa região onde até os poucos pretos que ali vivem falam alemão e sentem-se autênticos “germânicos”»<sup>24</sup>, comentava em 1935 o dirigente do grupo local do NSDAP a viver em São Paulo, Hans Henning von Cossel, durante a sua visita a Blumenau no Sul do Brasil. O *Urwaldboten* noticiava com euforia: «*Herr von Cossel*, o dirigente nacional do NSDAP do Brasil, convidou a população de Blumenau para uma comemoração de grande dimensão na próxima quarta-feira, 30 de janeiro, com a finalidade de festejar condignamente, ali mesmo, a transformação da Alemanha pelo *Führer* e chanceler do *Reich*, Adolf Hitler.»<sup>25</sup> Blumenau era considerada o símbolo dos imigrantes alemães em Santa Catarina e era conhecida na Alemanha como a cidade alemã da América do Sul. Para quase todos os habitantes de Blumenau, o alemão era a língua materna. Na enfeitada cidadezinha com as suas magníficas casas de madeira e associações com tradições conhecidas, o muito lido *Urwaldboten* encarregou-se do trabalho de informação e propaganda do NSDAP e orientou a sua ideologia antidemocrática, antissemita e anticomunista totalmente de acordo com a ideologia nacional-socialista. Slogans como «grande Alemanha», «humilhação de Versalhes» e «raça alemã» aqueceram os ânimos. Arthur Koehler, o chefe de redação, cuja simpatia pela ascensão do nacional-socialismo não passava despercebida, bradava sem escrúpulos que «o Marxismo e as atividades subversivas de Judas (...) nunca podiam ser suficientemente censurados». As pessoas identificavam-se politicamente com a antiga pátria alemã. A partir de 1933, a Aliança Popular para o germanismo no estrangeiro inundou literalmente com material de propaganda as empresas e escolas alemãs. Jornais e filmes da produtora alemã UFA foram retirados do mercado. Escolas alemãs e associações desportivas, clubes corais e de convívio hasteavam conscientemente as suas bandeiras com a suástica e, em todos os acontecimentos sociais, deixavam-nas a adejar nas fachadas das casas. Os símbolos nacional-socialistas decoravam os clubes alemães.

Não, não era para ignorar, nem para fazer ouvidos moucos: o Sul do Brasil, quase exclusivamente rotulado de agrícola, estava, em regiões vas-



tas, firmemente na mão dos alemães. Os imigrantes alemães tinham fama de ser especialmente resistentes à assimilação e cultivavam um sentimento de superioridade para com os povos nativos. Uma evolução nefasta. Será então de admirar que uns tempos depois o mito do Sul do Brasil se tivesse deixado simplesmente alastrar? O grotesco é que a maior parte dessas pessoas eram cidadãos brasileiros. Por fim, quase 90% das pessoas de origem alemã que viviam nas colônias tinham nascido no Brasil e, por conseguinte, possuíam passaporte brasileiro.

Um dia ainda se iriam gabar disso.

O apego inabalável dos colonos alemães às tradições e ao idioma da sua longínqua pátria, bem como o entusiasmo alargado pelo nacional-socialismo deviam incomodar o nacionalista Vargas. O patriarca brasileiro estava desconfiado. No Estado Federal de Santa Catarina foram assediados assim que se começaram a perceber as primeiras medidas de nacionalização. Os professores das escolas privadas alemãs foram coagidos, através da mais rigorosa vigilância estatal, a fazer dali a cinco semanas um exame em língua portuguesa. Os que não ficassem aprovados nesse exame seriam imediatamente destituídos do seu cargo. «Por fim, em outubro de 1932, eu e mais catorze conseguimos passar o exame para professor numa escola privada, no *Grupo Escolar Luiz Delfino* em Blumenau, perante uma comissão de examinadores, com a nota “bom”», confiou Johann Spieweck ao seu diário. Respiraram de alívio. É que a subsistência da jovem família dependia do novo cargo na escola no bucólico Rio Kraul, perto de Nova-Breslau, mesmo que o ordenado de professor não chegasse para viver e o «novo alemão» contratado tivesse, além disso, de fazer horas extraordinárias com os colonos. Nas remotas aldeias na floresta virgem, o árduo trabalho de campo ainda era considerado mais importante do que o resto. Ser-se professor era um luxo. A maioria das vezes, o colono, incapacitado para o trabalho do campo, por motivos de saúde ou idade avançada, transmitia às crianças o conhecimento básico. Que, em princípio, bastaria.

A família Spieweck já tinha entretanto três filhos. Em 1929, o pequeno Otto veio ao mundo, em 1930, Christine e, em 1932, Hans, o segundo filho rapaz. O professor ambicioso sonhava agora também com uma nova escola para os muito mais de 80 jovens em idade escolar na próspera Nova-Berlim. Depois de uma grande coleta feita pelos membros da comunidade, passou-se à ação. O primeiro triunfo foi devidamente festejado em 1933. Um telegrama da longínqua Holanda «de Sua Majestade, o imperador e rei» de 29 de abril de 1933 para Herrn Hans (Johann) Spieweck, diretor da escola alemã de Nova-Berlim/Santa Catarina/ Brasil, foi motivo de orgulho e alegria. Na sua missiva, o último imperador alemão, Guilherme II, que, depois da derrota na Primeira Guerra Mundial, vivia exilado na proprie-





*A escola alemã de Blumenau.*

dade holandesa *Huis Doorn*, comunicou à pequena comunidade alemã no vale de Itajaí:

«Sua Majestade o imperador e rei comunica a sua gratidão pela doação do livro comemorativo das celebrações do centenário da imigração alemã para Santa Catarina. O pedido de um quadro para o novo edifício da escola da comunidade alemã em Nova-Berlim agradou a Sua Majestade. Com os seus melhores desejos para os que lhe são fiéis no longínquo Brasil, Sua Majestade deixa-vos o quadro junto com assinatura e dedicatória do próprio.

Por incumbência do marechal da corte.»

Em 1934, a escola da comunidade de colonos de Nova-Berlim felicitou pelos seus 75 anos o último imperador alemão, que tivera esperanças que um governo nacional-socialista repusesse a monarquia na Alemanha.

Ontem. Sempre ontem.

Johann Spieweck, o alemão nascido em 1905 em Berlim-Hermsdorf e emigrado para o Brasil em 1922 com a sua família, cansado dos anos tristes do pós-guerra e cheio de esperanças, emigrado no Brasil, era agora dirigente de base do NSDAP na Nova-Berlim brasileira:

«O meu tempo era todo ocupado assim. (...) Mas o meu cargo de professor não se limitava apenas às aulas, a atividade extraprofissional por mim reclamada ocupava totalmente os meus tempos livres e, “de passagem”, era

Hans Doorn,



den 29. April 1933.

Brieftelegramm  
Seiner Majestät des Kaisers und Königs.

Seine Majestät der Kaiser und Koenig lassen fuer die Darbringung des Gedenkbuches zur Jahrhundertfeier der Deutschen Einwanderung in Santa Catharina Seinen Dank uebermitteln. Ihrer Bitte um ein Bild fuer das Schulgebäude der Deutschen Schulgemeinde in Neu-Berlin haben Seine Majestät gerne entsprochen. Mit Seinen besten Wuenschen fuer die Getreuen im fernen Brasilien lassen Seine Majestät Ihnen das anliegende Bild mit Eigenhaendiger Unterschrift und Widmung zugehen.

Im Allerhoechsten Auftrage

Dienstl. Hofmarschall

Herrn Hans Spieweck  
Leiter der Deutschen Schule  
Neu-Berlin / Santa Catharina  
Brasilien

*Johann Spieweck, professor em Nova-Berlim, ficou particularmente orgulhoso com o ofício do ex-imperador, de 29 de abril de 1933.*

diretor dos cursos de preparação para examinadores, dirigente do coro da igreja, do coro de homens e do coro misto, fundei uma biblioteca pública e uma escola de artesanato para aprendizes, fui regulador e promotor da turma de judeus do clube desportivo de Nova-Berlim, secretário da associação de escolas *Hansa*, à qual pertenciam 34 escolas privadas alemãs e mensalmente passava documentários em Hammonia, Nova-Berlim, Nova-Bremen e Nova-Breslau. Todas estas atividades eram voluntárias e naquele tempo faziam parte das tarefas de um professor. Os dias de visita dos enviados alemães do Rio de Janeiro à colónia de Hammonia, da escritora alemã Maria Kahle e de uma delegação de marinheiros do cruzeiro alemão *Karlsruhe* em 1934, foram dias de grandes festejos na colónia e eu fui sempre escolhido para participar nos preparativos e na realização do programa.»

A fanática e muito solicitada Maria Kahle, de ideologia nacional-socialista, viajava por vezes pela região tropical como missionária do germanismo e, no seu relato de viagem *Pátria Alemã no Brasil* alegrava-se com o entusiasmo dos brasileiros de origem alemã:

«Ao princípio parecia impossível: até mesmo neste mundo com uma colonização diferenciada, os alemães introduziram emissoras de onda curta! Ao fim da tarde juntou-se um grande grupo de alemães na sala de visitas para ouvirem as vozes vindas da Alemanha (...). Ia ser emitido um discurso do Dr. Goebbels. Longe, separado por florestas e enormes oceanos, naquela Berlim, da qual a maioria conhecia apenas o nome, ia falar um governante da nova Alemanha. (...) Mas quando a voz se extinguiu, um dos velhos colonos saltou para a frente do aparelho como se quisesse enviar uma resposta para a Alemanha e gritou, a balbuciar de excitação: “Viva Hitler! Viva o *Führer*! Viva a Alemanha!”»<sup>26</sup>

Também ali, no meio das palmeiras, os nazis organizaram as suas paradas militantes. Também ali os «camisas castanhas» agitavam as suas bandeiras. Também ali ressoavam pelas ruas as vozes de nazis convictos. Completamente fiéis à «nova Alemanha». Não havia dúvida: os círculos dominantes económico, intelectual e político dos colonos de origem alemã no Sul do Brasil assistiam entusiasticamente a tudo. Liam o *Der Deutsche Morgen*, o órgão oficial do partido. Era com prazer que se deixavam impregnar pela revista oficial da organização estrangeira do NSDAP, a *Deutsches Wollen*.

No dia 2 de maio de 1935, Arthur Koehler do *Urwaldboten* frisou numa carta: «(...) conheço o trabalho do *Führer*, o *Führer* atual merece toda a minha consideração, sei o que fizeram pela nossa pátria e temos de lhes agradecer a nova ascensão.»<sup>27</sup> Festejava-se o aniversário de Hitler e cantava-se alto o *Horst-Wessel-Lied*, o hino não oficial. Entre eles, faziam parte da «raça ariana». Eram o povo, «um fenómeno condicionado pelo sangue».



*Os nazis organizaram também aqui, no meio das palmeiras, as suas marchas militantes. Os «camisas castanhas» agitaram também aqui as suas bandeiras e entoaram as suas canções.*

Não eram apenas uma comunidade política como também ideológica e com uma fé ilimitada no «Führer». A inaudita propaganda dava frutos. Já não se falava em cidadãos mas em membros da nação alemã. Celebrava-se o *Eintopfsonntag*, o domingo do cozido, como na antiga pátria, para as pessoas mais pobres, de sangue alemão. «Descascam as batatas e cortam a carne, lavam os legumes, acendem o lume e mexem as panelas, e é com prazer que pagam cada prato cheio de sopa de carne do cozido», anunciou um membro do partido de São Paulo para Berlim.<sup>28</sup>

Relativamente ao número de membros do NSDAP, existem informações diferentes. Através dos ficheiros dos filiados apreendidos pelos aliados, são 4500. Mas esses dados pouco revelam. Só os alemães do *Reich* é que podiam ser filiados. Mas a maior parte dos imigrantes brasileiros de origem alemã simpatizava com a ideologia nacional-socialista. Os historiadores baseiam-se no facto de mais de 80% da população do Sul do Brasil simpatizar na altura com Hitler e com a sua concepção do mundo.<sup>29</sup> Mesmo não apoiando sempre o estilo e o procedimento dos caciques do partido. Círculos de brasileiros de origem alemã estabelecidos torciam o nariz e mostravam o seu desprezo pelos nazis que se revelavam tão grosseiros. Em parte percebia-se a maneira como o grupo local do NSDAP tentava imprimir com autoridade o seu cunho na vida dos mais de cinco milhões de pessoas de origem alemã. Já em 1931, em Porto Alegre, uma cidade na altura com aproximadamente 30.000 pessoas de origem alemã, entre as quais 3000 cidadãos alemães, portanto alemães do *Reich*, foram tratados com bastante agressividade pelos primeiros nazis. Ameaçavam dissidentes, entre os quais livreiros, cujos livros desagradavam aos nazis, funcionários de empresas de proprietários judeus ou firmas com sócios judeus. Os fanáticos dos grupos locais nacional-socialistas ameaçavam com boicotes ou com campos de concentração. Para alguns cidadãos a situação estava a ir obviamente longe de mais. A população reagiu com irritação, embora a colónia alemã da cidade, salvo poucas exceções, fosse simpatizante do movimento hitleriano. O Presidente da Câmara de Porto Alegre, Alberto Bins, uma conceituada pessoa de origem alemã, explicava indignado:

«Para começar tenho de frisar que antes de mais nada somos brasileiros. É verdade que nunca deixei de expressar a minha simpatia pelo hitlerismo, devido aos seus objetivos conhecidos. Não o escondo de ninguém. (...) Sempre achei a propaganda nazi muito apropriada a alemães, mas nunca a brasileiros. (...) Admiro, tal como outros, o movimento que está atualmente em ascensão na Alemanha sob a liderança do Senhor Adolf Hitler, assim como defendo aquilo que o Senhor Mussolini está a fazer em Itália com o seu fascismo.»<sup>30</sup>

Uma declaração ambígua? Não. Corresponhia à mentalidade de mui-



tos brasileiros de origem alemã naquela altura. Muitas vezes eram seguidores fanáticos do nacional-socialismo, mas condenavam a provocação e a insensibilidade dos seus caciques e membros do partido. Simpatizavam com a ideologia mas não se deixavam maltratar pelos alemães do *Reich* malquistos e muitas vezes com fama de arrogantes. Foi reclamado mais poder de compreensão. Transcreve-se a declaração de um brasileiro de origem alemã cuja simpatia pelo «Terceiro *Reich*» não se pode negar, mas que se queixou por carta a uma família amiga residente na Alemanha: «Convivo com bastante frequência com círculos puramente brasileiros e, por vários motivos, isolei-me quase totalmente da pequena colônia alemã local. Na minha opinião, o associativista alemão não tem qualquer utilidade aqui, por isso distancio-me também dessa confusão.» Os membros do partido não tinham muito boa impressão acerca do cônsul alemão em Joinville, Otto Gerken: «Tipógrafo em Blumenau, proprietário de um clube em Florianópolis, contabilista de uma carpintaria em Joinville, açougueiro num pequeno talho em São Francisco, funcionário aposentado dos correios em Jaraguá do Sul, proprietário de uma cervejaria em Porto Unio.»<sup>31</sup>

Estes «associativistas» convictos não tinham praticamente influência social. Hans Henning von Cossel, que mais tarde foi líder do grupo local do NSDAP, só conseguiu atrair simpatizantes em São Paulo. Também era alemão do *Reich*. Nascido em Düsseldorf, era filho de um oficial prussiano, soldado da linha de frente e combatente voluntário; em maio de 1932 já era membro do partido e em junho de 1931 estabeleceu-se com a mulher e a filha Gisela no Brasil, onde arranjou emprego como vendedor numa fábrica de porcelana. No mesmo ano fundou o grupo local de São Paulo. Hábil e digno de confiança, dirigiu o maior grupo local da organização estrangeira. Não foi em vão que fez uma preparação especial em Munique para a sua nova missão no partido. Fora também redator no *Deutschen Morgen*, o órgão de imprensa oficial do NSDAP no Brasil. No dia 19 de outubro de 1933, portanto pouco antes da nomeação de Hitler a Chanceler do *Reich*, sugeriu

O líder do NSDAP no Brasil: Hans Henning von Cossel.





que todos os membros das Associações alemãs de São Paulo subscrevessem uma carta de saudação e solidariedade para com o «seu *Führer*». <sup>32</sup> A escritora Maria Kahle, que ia ao Brasil sempre por iniciativa da Aliança Popular pelo Germanismo no Brasil, elogiou entusiasticamente o grupo local e escreveu: «Desde 1933 que o partido tem tido um êxito ímpar em unir os alemães de São Paulo; foi bastante significativa a participação de cerca de 25.000 compatriotas que se reuniram no grande e bonito estádio do novo Clube Desportivo “Germania”, com as bandeiras da nova Alemanha na celebração do 1 de maio.» <sup>33</sup>

Em 1936 o dirigível alemão *Hindenburg* fez uma viagem até ao Brasil. Os «compatriotas alemães», mas também muitos ministros brasileiros e membros do gabinete do ditador Getúlio Vargas simpatizaram com os brasileiros de origem alemã e tentaram aproveitar este acontecimento para os seus objetivos políticos. As «colónias alemãs» de Santa Catarina prepararam com grande entusiasmo uma recepção solene para a ilustre delegação e hastearam as bandeiras com a cruz gamada. Também no Rio de Janeiro, em 1936, uma «multidão de milhares de pessoas» rejubilou com o «exemplo óbvio dos conhecimentos técnicos e a vontade de viver dos alemães». <sup>34</sup> A 20 de junho de 1938, von Cossel foi pessoalmente condecorado por von Ribbentrop, o Ministro dos Negócios Estrangeiros do *Reich*, pela sua incansável dedicação.

Até 1938, os brasileiros de origem alemã não foram praticamente incomodados. O governo brasileiro mostrava-se corporativo. O lado alemão também se esforçava por evitar tensões. No Rio de Janeiro, em São Paulo e noutras metrópoles, empresários, gerentes e funcionários das feitorias alemãs, a maioria alemães do *Reich*, mantinham boas relações com o governo federal brasileiro. E Vargas não deixou de participar esporadicamente em acontecimentos de maior dimensão na colónia alemã do Rio de Janeiro. No dia 25 de julho assistiu pessoalmente às festividades da *Federação 25 de julho*. O dia em que os primeiros imigrantes alemães chegaram ao Brasil foi comemorado com pompa e circunstância.

## CAPÍTULO 6

### Nem tudo o que luz é ouro

No início dos anos trinta, não era apenas o NSDAP que registava uma grande movimentação nas colônias alemãs. O integralismo da Ação Integralista Brasileira, um movimento brasileiro de extrema-direita, também teve bastantes seguidores no seio dos brasileiros de origem alemã do Sul do Brasil. Este partido político fascista, sob a liderança de Plínio Salgado orientava-se total e empenhadamente pelo NSDAP alemão e pelo fascismo italiano e a sua bandeira tinha como símbolo a letra grega Sigma « $\Sigma$ ». «Nas sedes dos partidos, à direita do retrato de Salgado, está sempre pendurado um retrato de Hitler e, à esquerda, um de Mussolini», noticiava entusiasticamente a 9 de setembro de 1935 o *Völkische Beobachter*. As pessoas sentiam-se próximas umas das outras. Maria Kahle, a representante fascista da Alemanha, considerava que isso se podia explicar psicologicamente, pois muitos brasileiros de descendência alemã estavam bastante entusiasmados com o nacional-socialismo mas, devido à sua nacionalidade, eram impedidos de se filiarem no NSDAP. A juventude ainda não estava em condições de apreender o mundo e por isso deixavam-se influenciar pela aparência exterior do integralismo: uniforme, saudação, paradas, cantigas. Além disso, em muitos aspetos, o programa integralista aproveitava-se do recrutamento individual da população ordeira dos brasileiros de origem alemã, que demonstrara um grande amor pela pátria brasileira e lealdade para com o Estado brasileiro.<sup>35</sup>

Mas a organização estrangeira do NSDAP estava cética. Na sua revista *Deutsches Wollen* publicou um artigo no dia 30 de agosto de 1935 com o título «O perigo do integralismo». O artigo dizia: «Uma falsificação do nacional-socialismo ameaça o germanismo do Brasil.» Os integralistas exigiam o português como língua oficial em todas as escolas e que o alemão fosse, quando muito, permitido como língua estrangeira, e o movimento insistia numa mistura genérica de todos os grupos étnicos a viverem no Brasil. Mas nas «colônias alemãs» a assimilação ainda não fora adotada. Maria Kahle indignou-se com a equipa de Salgado e disse com preocupação: «Até a comunidade de judeus e de negros devia ser reconhecida.» A organização estrangeira do NSDAP acabou por rejeitar categoricamente a insistência por parte do integralismo em se unirem todas as «raças». Aquele movimento integralista, embora por motivos diferentes, também incomodava Vargas. Mas a nível nacional não existiam medidas contra os brasi-

leiros de origem alemã ou as atividades dos grupos nacional-socialistas no Brasil. Por enquanto ainda os toleravam, mas superficialmente.

Cartazes antissemitas eram afixados cada vez com mais frequência. Em maio de 1933 o *Der Nationalsozialist* divulgou frases vigorosas:

«Não há dúvida de que a questão dos judeus é muito, muito mais complicada do que a questão dos negros e da mistura com sangue amarelo. De certa maneira, trata-se aqui sobretudo de evitar um cruzamento de raças, mas a dificuldade reside precisamente aí, pois o cruzamento já ocorreu. Tal como os negros e os chineses são totalmente diferentes de nós interior e exteriormente, o mesmo acontece com os judeus. (...) Não pretendemos pessoas comuns, pretendemos o homem alemão. E as suas características serão afetadas pela mistura com os judeus. Por esse motivo, isso aqui significa também a separação das raças.»<sup>36</sup>

Muito mais tarde, no ano de 1938, houve um certo Dr. Ulrich Kuhlmann que se exaltou no consulado alemão de Porto Alegre e que escreveu para o Ministério dos Negócios Estrangeiros em Berlim:

«Não seria realmente difícil escrever um relatório exato sobre o judaísmo aqui e a sua influência cada vez maior. Todos os navios a vapor trazem novos bandos de emigrantes judeus; as grandes cidades estão a ficar cada vez mais judaicas de ano para ano e até nas pequenas localidades o judeu expande-se de uma forma cada vez mais repulsiva. A imprensa vai parar cada vez mais às mãos dos judeus, a classe de médicos vai sendo lenta mas confiantemente composta por judeus, sobretudo desde a onda crescente de antissemitismo que se verifica nos últimos anos na Europa; de um ano para o outro o comércio nas metrópoles é cada vez mais um monopólio judeu (em Passo Fundo, por exemplo, já não existe praticamente uma loja importante que não pertença a um judeu); a descendência judia frequenta a escola secundária e já começa a conquistar as universidades; até mesmo o candidato a presidente federal (Armando Salles de Oliveira = filho de Moritz) era de origem judia e casou com uma mulher judia, filha de um rabino. Se isto continua assim, temos uma geração como a de Nova Iorque. Em termos de futuro, pode vir a tornar-se um mal verdadeiramente físico.»<sup>37</sup>

«Novos bandos de emigrantes judeus» em todos os navios a vapor? O governo de Vargas também não estava de acordo. De qualquer modo, já há muito que lutava contra judeus supostamente de esquerda e, a partir de meados dos anos trinta, intensificou os requisitos de imigração. A partir de 1934, o sistema de imigração no Brasil era regulado por quotas. Esse sistema regulava-se pela nacionalidade. E, tal como formulou com uma enorme arrogância Ulrich Kuhlmann nas suas cartas para Berlim, era um facto que havia cada mais judeus alemães a imigrar e por conseguinte a confundir as quotas dos alemães do *Reich*. A partir de junho de 1937, o governo brasi-

leiro deu instruções aos seus diplomatas, através de várias circulares confidenciais que recusassem o visto aos imigrantes judeus. Dos 3000 pedidos de vistos para os denominados «católicos não-arianos» que o Papa Pio XII recebeu em 1939 do Brasil católico, apenas foram concedidos vistos a 803. Portanto, a apenas menos de um terço.<sup>38</sup>

A partir de maio de 1938, voltou-se a reforçar a legislação restritiva relativamente à imigração, os preços dos «ingressos» para o Brasil tornaram-se quase inacessíveis, e os vistos tão veementemente desejados já quase só eram concedidos a agricultores. Os pedidos de vistos por familiares de judeus brasileiros, as denominadas cartas de chamada, deixaram de ser concedidos. «Sabe-se que, por causa disso, as pessoas que os requeriam eram detidas na Alemanha e acabavam nos campos de concentração», conta Maria Luiza Tucci Carneiro, a historiadora brasileira de São Paulo. «Vargas tinha uma relação muito próxima com a Alemanha nazi, cooperava com a Gestapo, que instruía e treinava a sua Polícia Política. Até agora, só para a Alemanha, registei mais de cinco mil pedidos de vistos recusados – e há muito mais. Existem cartas anónimas de brasileiros que não são de origem alemã, que denunciaram judeus que tinham fugido para o Brasil. Durante toda a Segunda Guerra Mundial, era muito grande a aversão aos judeus no Brasil.»<sup>39</sup>

As recordações de Mathilde Maier, que deixou a velha pátria logo a seguir à Pogromnacht<sup>40</sup> no dia 10 de novembro de 1938 com o famoso advogado Max Hermann Maier de Frankfurt, confirmam esta situação. Quando os dois chegaram no princípio de 1939 à colónia brasileira de Rolândia, respiraram de alívio. Só mais tarde é que Mathilde Maier teve conhecimento do destino do «Eleven»:

«Felizmente, os nossos caixotes da mudança tinham chegado antes de nós e estavam guardados na grande varanda da casa Eleven, que foi a nossa casa durante um ano. Nada fora construído para nós, mas para um grupo de jovens que tinham aprendido agricultura no *Lehrgut Grossbreesen* na Silésia, antes de irem para o Brasil na qualidade de agricultores. Mas o governo fascista de Getúlio Vargas, que estava sob a influência de nazis, recusara o visto de entrada a esses jovens e quase todos morreram em campos de concentração alemães. Por isso pairava sempre uma sombra escura sobre o nosso começo de vida da qual não nos conseguíamos, nem nos queríamos livrar.»<sup>41</sup>

Mas, apesar do clima antissemita, até 1942, muitos emigrantes e refugiados judeus conseguiram chegar ao país. Foi sobretudo o «refúgio» do visto turístico ou de trânsito que salvou a vida de milhares de pessoas. Entre 1933 e 1941, imigraram entre 16.000 e 19.000 refugiados de língua alemã, dos quais 80% a 90% eram judeus.

Gustav Buchholtz, o alemão do *Reich*, trabalhava entretanto em Para-

nagua para a Companhia de Navegação alemã Hamburg-Süd. O partido congratulara-o pelo seu casamento com Irmgard Nuna Krüger e Gustav era cada vez mais pelo NSDAP. «A Alemanha triunfa em todas as frentes», escreveu uma jovem brasileira de origem alemã no seu diário. E ele próprio acrescentou para o seu primeiro filho palavras de advertência: «És uma criança alemã, e é como tal que deves ser educado.» Para a família Buchholtz o mundo parecia estar em ordem. Mas o trabalhoso castelo de cartas que ainda se mantinha de pé em breve se desmoronaria. No dia 10 de novembro de 1937, o Presidente Vargas proclamou o Estado Novo, um Estado centralista, autoritário, com características inconfundivelmente fascistas. A mistura cultural, o *melting pot*, combinado com um orgulhoso sentimento nacional brasileiro, era e manteve-se o Credo do déspota. Tudo aquilo que era contra a ideologia do *melting pot*, que se opunha à assimilação e que persistia na independência era tabu e alvo de repressão.

A 10 de novembro de 1937, as aulas de língua estrangeira para crianças com menos de doze anos foram proibidas e uma lei de 4 de maio de 1938 eliminou todas as línguas estrangeiras do currículo escolar. Só os «nascidos» brasileiros é que podiam ensinar. As escolas das comunidades de imigrantes também tinham de cumprir um programa brasileiro obrigatório, os clubes foram nacionalizados e só o português, a língua nacional, é que foi aprovado. O ensino privado alemão, bastante disseminado e reconhecido, ficou prejudicado. Gustav Buchholtz estava fora de si de raiva: «(...) tivemos de fechar as nossas escolas. Escolas que foram exemplarmente geridas e que se tornaram famosas muito para lá das fronteiras do país. (...) Também não podíamos pôr nomes alemães aos nossos filhos. (...) Sim, meu filho, tudo motivos que irão acelerar consideravelmente o nosso regresso à Alemanha.»

Há muito tempo que Vargas observava as «colónias alemãs» e os brasileiros de origem alemã. Um golpe falhado por parte dos integralistas reforçou a situação. Suspeitava-se de uma cumplicidade alemã. Os jornais brasileiros diziam que a Alemanha tinha financiado o golpe. No final de maio de 1938, o dirigente nacional do NSDAP, Hans Henning von Cossel, já tinha sido chamado a Berlim para explicar a situação de Ernst Wilhelm Bohle, o dirigente da organização estrangeira do NSDAP. O então embaixador Ritter protestou e referiu-se à situação como uma ofensa do «*Führer*» e do governo alemão. Embora os japoneses, na qualidade de «não-brancos» e por conseguinte do ponto de vista do regime de Vargas, fossem ainda mais difíceis de integrar nos grupos de imigrantes e ainda mais com as medidas do nacional-socialismo, reagiam muito reservadamente a ataques racistas. «O governo japonês, ao contrário do alemão, só raramente criticava Vargas em público pela sua atitude de hostilidade relativamente aos estrangeiros.

No entanto, os imigrantes japoneses e os seus descendentes eram considerados como o grupo que tinha sido menos assimilado e que menos se deixava assimilar.»<sup>42</sup>

Depois do golpe falhado dos integralistas, o governo de Vargas proibiu todas as atividades políticas por parte dos estrangeiros. As medidas de nacionalização dirigiam-se agora pela primeira vez massivamente contra a atividade política do NSDAP. O partido nacional-socialista defendia a identidade cultural da população brasileira de origem alemã, o que era contra o conceito de *melting pot* e por conseguinte contra os princípios do líder brasileiro Vargas. A simpatia dos brasileiros de origem alemã pelo integralismo, esse partido fascista sedento de poder, desagradava ao presidente. As tensões aumentavam. Mas o governo brasileiro ainda se controlava. Tinha-se em conta a boa vontade do governo brasileiro, uma boa vontade tácita.<sup>43</sup>

Contudo, passado pouco tempo a oposição suspeitou que a Gestapo estivesse a agir ilegalmente no Brasil. O «Terceiro *Reich*» teria intenções imperialistas? Os três Estados do Sul do Brasil em vias de desenvolvimento, Rio do Sul, Santa Catarina e Paraná, teriam em vista uma divisão? Falava-se do «perigo alemão». O medo de uma «quinta coluna»<sup>44</sup> propagava-se, circulavam rumores sobre ambições políticas e militares dos nazis na América Latina.<sup>45</sup> A embaixada alemã colocou-se na defensiva e censurava os círculos judaicos, comunistas e determinadas organizações católicas pelas suas difamações contra os alemães. E os caciques do NSDAP no Brasil e o Ministério alemão dos Negócios Estrangeiros também fizeram acusações severas e extremamente excessivas. O nervosismo em que se vivia deu origem a tensões diplomáticas graves.

Ao mesmo tempo, Hans Henning von Cossel agarrava-se obstinadamente à sua missão. O NSDAP já era proibido em todo o Brasil e estava na clandestinidade, mas o barão silesiano insistia na «Liderança, Alinhamento e Fidelidade de todos os alemães que vivem nos seus domínios», revelando com isso o direito de liderança dos alemães do *Reich* no Brasil, e escreveu de forma insistente: «A nova Alemanha criou o conceito de comunidade popular. Despertou essa voz em todos os alemães. Dessa comunidade popular também tem de despertar, cá fora no mundo distante, uma comunidade da convicção (...). Pois cada um de nós é apenas um elo da grande corrente de sangue alemão.»<sup>46</sup> O Ministério dos Negócios Estrangeiros em Berlim considerava a atividade de von Cossel uma grande pressão. Oficialmente, o dirigente do grupo local do NSDAP era agora conselheiro cultural da embaixada no Rio e tinha estatuto de diplomata. «O meu pai nutria por ele uma amizade um pouco paternalista e por isso dava-lhe sempre indicações, induzindo-o a assumir um cargo diplomático», escreveu mais tarde Olaf



Prüfer. «Tenho a certeza absoluta que o meu pai protegia Cossel. Os dois mantiveram-se amigos até à morte do meu pai, em 1959. A seguir à guerra, o líder do grupo local brasileiro em Frankfurt am Main voltou a ser um *businessman* honesto.»

A Nova Alemanha brasileira? Uma bola de sabão. A campanha de nacionalização do Presidente Getúlio Vargas acertou em cheio no coração dos alemães estabelecidos no Brasil. Apesar de todos os outros entraves, os alemães do *Reich* podiam continuar a cultivar a sua rede de relacionamentos, mas o apoio financeiro do estrangeiro era proibido. E os que tinham nascido no país estavam estritamente proibidos de se filiarem.

Os Spieweck viviam entretanto em Hammonia<sup>47</sup>. O pai Johann, depois de muitos anos de uma carreira académica, tornara-se comerciante. A família aumentara e já eram seis. «O ano de 1938 foi marcado pelo encerramento das escolas alemãs e a proibição de todas as associações e organizações alemãs, instalando-se a nacionalização, controlada pelos militares destacados em Hammonia», escreveu o chefe de família Spieweck aos seus familiares da Alemanha.

«A guarnição militar ocupou a escola alemã em Hammonia e utilizou-a como quartel, prenderam-se pessoas arbitrariamente, as denúncias de alemães contra alemães estavam na ordem do dia e na colónia reinavam a agitação e a insegurança. O Dr. Kröner e o seu grupo aproveitaram a ocasião para me denunciarem ao capitão Emanuel de Moraes como ex-líder de base do NSDAP. Um dia de manhã fui chamado ao gabinete do capitão para ser interrogado, enquanto uma delegação me revistava a casa à procura de documentos proibidos. O avô Marmein também foi preso. Numa conversa de quase duas horas com o capitão, consegui convencê-lo de que tinha sido vítima de compatriotas vingativos e que podia provar que todas as acusações de que era alvo eram infundadas. A rusga à minha casa também foi infrutífera.»

Entre os alemães do *Reich* e os brasileiros de origem alemã, prevalecia a lei dos mais fortes.

Depois desta calamidade, Johann Spieweck assumiu, no início de fevereiro de 1939, a pedido do cônsul alemão Dr. Steimer, o consulado alemão em Cruzeiro (Joacaba). O líder de base do NSDAP, ajuramentado em Florianópolis, tornou-se de um momento para o outro diplomata alemão de segunda. Por isso a família estabeleceu-se em Cruzeiro. Tudo saiu da sua órbita. Os avós, Richard e Amelie Marmein, foram pela primeira vez em visita à Alemanha no final de maio de 1939. Kurt Spieweck tinha casado no dia 16 de julho de 1938 com uma brasileira de origem alemã e também foi para a Alemanha com a sua jovem mulher e o seu irmão Otto. A sua irmã Grete foi de férias para a Alemanha no final de 1938, onde permaneceu.



*Johann Albert Spieweck à secretária do consulado em Cruzeiro. Atrás, o retrato do Führer.*

Muitos alemães do *Reich*, incluindo mulheres e crianças, a maioria com nacionalidade brasileira, planejaram a «viagem de volta». Sentiam-se defraudados relativamente ao futuro. A propaganda da organização estrangeira do NSDAP fizera das suas. A 28 de agosto de 1938, o seu líder, Ernst Wilhelm Bohle, propagandeara alto e bom som: «A nova Alemanha não tem necessidade de deixar forças competentes no estrangeiro, pois o seu trabalho não é reconhecido, antes pelo contrário, estão sujeitos a ofensas constantes.» E já há muito tempo que se era de opinião de que «A floresta virgem é a coisa mais desumana que o homem possa imaginar, mata o corpo e a alma dos nossos alemães, torna-os maus, pois eles não pertencem ali, mas ao clima da sua raça; torna-os maus pois são forçados a conviver com a escumalha, com todas as misturas de todas as raças», dizia o membro do partido, Albrecht Andriessen.<sup>48</sup>

Maria Kahle também continuou a deitar achas para a fogueira, com o seu romance *Desvio pelo Brasil*. Os seus romances sentimentais foram bem acolhidos nas distantes colónias e na sociedade ajuramentada das feitorias coloniais do Sul do Brasil. Escreveu com entusiasmo: «Ao princípio todos negligenciavam o seu trabalho; todas as tardes, por volta das sete horas, quando o emissor de ondas curtas alemão começava a emitir as suas notícias. (...) De repente deixava de haver distâncias, a pátria parecia estar tão próxima deles como a sala de visitas ao lado. (...) E depois, o inconcebível: poderem ouvir o *Führer*. Entenderem a sua voz sombria, sim, ouvirem a



*Maria Kahle, nascida em 1891 em Wesel conheceu o Sul do Brasil durante a Primeira Guerra Mundial. Nessa altura, depois de uma viagem até Blumenau, no Sul do Brasil, não pôde regressar para a Europa e trabalhou em*

*Blumenau como redatora do jornal Urwaldboten de expressão alemã. Ficou rapidamente ao corrente da vida dos colonos alemães que se tinham estabelecido na floresta virgem. De regresso à Alemanha, envolveu-se no Movimento Popular Nacional da República de Weimar e frequentou os círculos antissemitas e antidemocráticos. Maria Kahle, fanática e acérrima defensora da ideologia nacional-socialista, estava constantemente a viajar como missionária do germanismo pela região tropical de Santa Catarina, Paraná e Rio do Sul e no seu diário de viagens Pátria Alemã no Brasil enalteceu o entusiasmo dos brasileiros de origem alemã pelo regime nazi. Como membro fanático do NSDAP, foi uma propagandista incansável. Em 1957, recebeu a Cruz de Mérito Federal e, em 1960, a medalha Agnes-Miegel. Em 1991, foi celebrado o centenário do seu nascimento com uma «grande cerimónia» em Olsberg, a cidade onde nasceu.*

sua respiração, fazerem parte da comunidade de milhões de pessoas no mundo que o escutavam atentamente e para quem ele falava!»<sup>49</sup>

A imagem da Alemanha dos colonos transformava-se cada vez mais. Para os colonos da floresta virgem, as histórias romanceadas de Maria Kahle publicadas no início de 1940 não estavam longe da realidade. Essas histórias apoquentavam as pessoas que estavam longe da Alemanha nazi:

«As pessoas falavam muito na hipótese de um dia poderem regressar a casa. Sabiam como se tornara diminuto o número de desempregados; em breve não haveria nenhum. Se recuperássemos as nossas colónias, iria com prazer! (...) É o que querem muitos dos nossos colonos aqui. Habitua-mo-nos ao clima, não estamos tão apertados como na Alemanha, podemos espalhar-nos.»<sup>50</sup>

Com a contratação de um futuro governador alemão, o *Führer* não piscara o olho a uma «África oriental alemã» fictícia? As tropas de Mussolini não estavam já em Mogadíscio e em Addis Abeba? E o que se passava com Rommel, a Raposa do Deserto? A escritora da região de Münster regozijava-se: «Quando penso que um dia poderemos regressar ao nosso país num navio alemão! (...) Seria um regresso diferente do de 1918. Quantos milhares de alemães que aqui estão fariam imediatamente as malas se houvesse lugar para eles no seu país? (...) Milhares? Dezenas de milhar! Todos os que vieram depois da guerra mundial! Não haveria barcos suficientes!» Ilusões e desejos bastante embelezados, inspirados num romance? Hitler, o presumível redentor, alimentava essa esperança, embora inicialmente tivesse em mira o Oriente. Os «candidatos» podiam estar tranquilos. «Escolas coloniais» nacional-socialistas tinham de preparar as povoações nas novas colónias. Uma «higiene racial», a separação rigorosa entre «arianos» e pretos estava já a ser posta em prática. Os «nativos» deviam ser encarcerados em reservas, como mão de obra. O Instituto do Estrangeiro alemão levou a cabo um estudo sobre como proceder a uma eventual recolonização dos povos alemães ultramarinos depois de terminada a guerra. De qualquer modo, havia a convicção de que se iria dar início a uma grande vaga de reemigração. Não queriam todos desenvolver livremente a sua maneira de ser nacional e participar na ascensão do povo alemão? Ao encontro da gloriosa «vitória final»? Para a construção do «Império milenar» eram também necessários alemães que viviam fora do *Reich*, que se deviam estabelecer nas futuras colónias africanas e não na região do *Reich*.<sup>51</sup>

«Quem viaja pelo imenso oceano tem a sensação que a vida voltou a ter um sentido e sente uma enorme alegria, pois sabe que a Alemanha nestes tempos mais sérios e de maiores dificuldades precisa de homens que durante o longo tempo que viveram no estrangeiro acumularam experiências que podem ser vantajosas para a pátria», escreveu o *Deutsche Morgen*

no dia 9 de junho de 1939. Palavras lisonjeiras de despedida para Adolf Fobbe, um comerciante têxtil em São Paulo. Também ele regressava naquele mesmo mês de junho à sua casa no *Reich*.

À semelhança de muitos, muitos outros.

Johann Spieweck, o diplomata de segunda, estava no Brasil com a família. Ainda se correspondia regularmente por carta com os seus familiares via companhia de aviação *Linea Aérea Transatlântica Italiana*.

Nervoso, Gustav Buchholtz, de Paragangua, confiava ao seu diário:

«Setembro de 1939 – Anteontem a Inglaterra, depois de ter incitado durante meses a Polónia a provocar a Alemanha, declarou guerra à nossa pátria. (...) O nosso *Führer* foi ontem pessoalmente à frente de combate, participar na luta. Que Deus o proteja! Nós estamos no Brasil, longe do teatro de guerra. A tendência dos nativos é estarem contra nós, sinto-o em todas as pontas dos meus dedos. Não gostam de nós, receiam-nos. Se a Alemanha perder a guerra, será terrível! Com a ajuda de Deus, a Alemanha vencerá (...). Avante pelo «nosso» Adolf Hitler!!! Milhares de alemães esperam ansiosamente que esta guerra acabe, para que os navios voltem a navegar para a Europa e eles possam voltar finalmente, finalmente para o seu país, para o grande *Reich* alemão. (...) Aqui fora, no estrangeiro, infelizmente não podemos fazer nada a não ser orgulharmo-nos da Alemanha e de sermos alemães. Mas não podemos exprimir em voz alta a nossa felicidade, pois o Brasil é neutro!! Só os pasquins é que têm autorização para publicar abertamente artigos humorísticos e denegrir o nosso *Führer* e os seus homens, porém não nos podemos alegrar abertamente com os feitos únicos da história universal, levados a cabo pela nossa jovem *Wehrmacht*<sup>52</sup>. O mundo deveria ajoelhar-se e agradecer ao *Führer* e aos seus homens por terem reconhecido e reprimido a tempo este perigo mundial! – No entanto, o que faz um Roosevelt, o Presidente dos EUA? Faz-se aliado destes ímpios! – Um judeu, que não consegue negar a sua origem!»

Apesar de toda a euforia que reinara durante os primeiros meses de guerra entre os brasileiros de origem alemã, sentia-se as tensões cada vez maiores a que no fundo se estava sujeito no Brasil. A comunidade alemã estava desnordeada, sabia bem de mais que dependia das doações da Alemanha. A organização estrangeira, mais o seu símbolo e o seu aparelho de propaganda, tinha sido definitivamente proibida. A Mocidade Brasileira Alemã, a Mocidade Hitleriana e a Aliança das Raparigas Alemãs tinham de se dissolver ou acabar por se juntar aos escuteiros brasileiros. Empresas estrangeiras foram expropriadas. Os brasileiros assumiram todos os cargos de chefia. A língua alemã já não podia ser falada em público. «No ato da compra, Jakob Reiter, o comerciante, fazia-nos um sinal quando estava lá um espião e então escrevíamos ou apontávamos o que queríamos comprar.

Muitos falavam com um dialeto muito acentuado e diziam: «Nós falamos inglês», conta a testemunha da época, Maria Moser.<sup>53</sup> As missas tinham de ser celebradas na língua portuguesa. As medidas de nacionalização davam frutos estranhos. Em Santa Catarina os epitáfios em estrangeiro foram retirados dos cemitérios públicos. A população revoltou-se. Prendia-se cada vez mais gente. Personalidades importantes das colónias recebiam pelos seus bens, pelas suas vidas.<sup>54</sup> Funcionários do partido foram interrogados e as buscas às casas estavam na ordem do dia. A entretanto óbvia e crescente hostilidade alemã e as suas provocações davam origem às saudades.

A companhia de navegação Hamburg-Süd que, desde 1934, sob as ordens de Hitler, também adotara a tabela de horários da HAPAG e da Lloyd-Flotte norte-alemã na rota sul-americana, devido aos problemas crescentes com as divisas viajou pela última vez pelo Equador em 1939, com uma comunidade privilegiada a bordo do seu pacote de luxo. Todos os navios que se encontravam fora das suas águas territoriais tentavam chegar a tempo aos seus portos de origem.

Em Lisboa, a Companhia Colonial de Navegação transformou o *Princesa Olga* da companhia de navegação nacional jugoslava de acordo com as suas necessidades. O navio foi construído na cidade irlandesa de Belfast para a *Pacific Steam Navigation & Co* e batizado com o nome de *Ebro*, até navegar finalmente até à Jugoslávia nos anos trinta. Os proprietários da Companhia Colonial de Navegação de Lisboa foram buscar solenemente o barco a Split e deram-lhe o nome do descobridor e explorador de África português, Alexandre Alberto Serpa Pinto. Mas o ativo navio a vapor tinha agora de atravessar o oceano até ao Portugal neutro. Magnificamente restaurado, o *Serpa Pinto* viajou em agosto de 1940 até à Madeira, São Vicente e Rio de Janeiro e ao porto de Santos. A bordo levava vinho do Porto de grande qualidade, fruta e cereais, bem como cidadãos honorários portugueses, jornalistas, embaixadores, escritores e intelectuais. Uma magnífica viagem de estreia. Na ponte de comando ia o capitão Américo dos Santos.

No *Serpa Pinto* estava para acontecer uma história comovente.